



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
Curso de Psicologia

ARQUÉTIPO DO HERÓI:
Uma visão a partir de uma tenista profissional

Bruna Bardella de Revoredo Macedo Soares

São Paulo
2014

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E DA SAÚDE
Curso de Psicologia

ARQUÉTIPO DO HERÓI:
Uma visão a partir de uma tenista profissional

Bruna Bardella de Revoredo Macedo Soares

Trabalho de Conclusão de Curso como exigência parcial para graduação no curso de Psicologia, sob orientação da Prof^a. Dra. Noely Montes Moraes.

São Paulo
2014

“Renda-se, como eu me rendi. Mergulhe no que você não conhece como eu mergulhei.
Não se preocupe em entender, viver ultrapassa qualquer entendimento.”

Clarice Lispector

Agradecimentos

Agradeço aos meus professores e orientadores por acreditarem no meu potencial e por também me fazerem acreditar.

Aos meus amigos, por me permitirem ser como sou da forma mais sincera e acolhedora possível.

Aos meus companheiros, por me fazerem crescer com tamanha dedicação e também por me preencherem.

À Maria Esther, pela sua disponibilidade e por todas as suas superações que não só me encantaram mas como também encantaram o mundo.

Aos meus técnicos de tênis, preparadores físicos, nutricionistas, fisioterapeutas, colegas de treino, meu clube, meus oponentes, por serem extremamente responsáveis pela minha formação técnica, profissional, ética e humana.

Aos meus familiares, por torcerem pelo meu bem e pelas minhas conquistas, além de todo cuidado sempre recebido.

À minha irmã, por ser a minha mais leal companheira do passado, presente e futuro.

Ao meu pai, por ser o meu companheiro de torneios, meu exemplo, e a minha admiração.

À minha mãe, por todos os ensinamentos e por ser o meu modelo de mãe, de ser humano de forma tão especial.

Bruna Bardella de Revoredo Macedo Soares

ARQUÉTIPO DO HERÓI: Uma visão a partir de uma tenista profissional

2014

Dra. Noely Montes Moraes

Resumo

O estudo proposto teve por objetivo, a partir da abordagem da Psicologia Analítica, identificar elementos da saga arquetípica do herói, nas suas fases de separação, iniciação e retorno na trajetória de uma tenista de alta performance. Foi realizada uma entrevista aberta com um dos maiores ícones do tênis mundial: Maria Esther Bueno. Analisando a sua entrevista foi possível estabelecer paralelos entre momentos marcantes de sua vida e as fases do monomito (separação, iniciação e retorno), observando como Maria iniciou a sua carreira, quem a incentivou, quais as dificuldades encontradas, a sua trajetória e como deu o seu retorno às quadras de tênis (como comentarista, realizando exibições, treinamentos e compartilhando seu conhecimento). Sugere-se novas pesquisas sobre o tema tanto na abordagem junguiana quanto em outras abordagens e pode se perceber que a Psicologia do Esporte ainda é uma vertente pouco difundida da Psicologia.

Palavras-chave: arquétipo, herói, Maria Esther Bueno, teoria analítica, tênis

Sumário

Introdução..... p 07

Objetivo Geral e específicos..... p 13

1ª Parte:

- Embasamento Técnico..... p 14

- Método..... p 29

2ª Parte:

- Análise..... p 34

Considerações Finais..... p 49

Referencia Bibliográficas..... p 52

Anexos

Introdução

O estudo aqui proposto teve por objetivo, a partir da abordagem da Psicologia Analítica, identificar elementos da trajetória do herói, nas suas fases de separação, iniciação e retorno do herói por meio da análise do relato da ex-tenista profissional, Maria Esther Bueno, sobre a sua história no esporte ¹.

Maria relatou sua história no tênis. Apesar de ter sido uma esportista vitoriosa, a sua carreira foi vivida com muitas dificuldades, como as primeiras viagens que realizou sozinha, a conciliação do treino com escola e lesões que a afastaram por longos períodos do esporte, acontecimentos que ocorrem com diversos tenistas profissionais (<http://www.mariabueno.org>).

O que torna possível essa aproximação entre o tenista e o arquétipo de herói é a constatação de que há uma necessidade de superação do atleta frente ao seu próprio desempenho, bem como inevitáveis abdições e frustrações. Também há uma imagem criada do atleta de alto rendimento que influencia a si mesmo e aos outros indivíduos, podendo ser visto como uma pessoa admirada e respeitada pelos seus esforços, como é o caso do Gustavo Kuerten (Guga) Ronaldo Fenômeno, Pelé, dentre outros, que são fontes de inspirações para os esportistas amadores e profissionais.

De acordo com a minha experiência no esporte, e a visão de Kátia Rúbio no início de seu livro *Heróis Olímpicos*, (2004) pode-se considerar que o esporte brasileiro sempre sofreu um certo desinteresse por parte da sociedade e de suas organizações, mesmo tendo se desenvolvido ao longo do tempo

Esse panorama passou a ser modificado a partir da primeira vitória do Brasil na Copa do Mundo em 1958 e de outros feitos brasileiros alcançados nas primeiras Olimpíadas. Mesmo com essas conquistas, diversas modalidades ainda não obtêm a sua devida atenção. Relata-se precariedade nos clubes, escolas, campeonatos e escassez de patrocinadores e incentivadores.

1. Esse trabalho foi escrito a partir de estudos sobre o tema e da minha carreira esportiva como tenista profissional.

acrescidas da pressão do público, o que dificulta a jornada do jovem atleta, cabendo quase exclusivamente a seus pais ou técnicos o incentivo ao esporte.

Na fala de Thomaz Belluci, em entrevista à Gazeta Esportiva, atleta brasileiro com melhor colocação no ranking mundial de simples estando entre os quarenta melhores do mundo, fica evidente a desvalorização do esporte no país, ele lamenta a sua derrota e critica as vaias recebidas no Aberto do Brasil: “Para mim é difícil sair da quadra e ser vaiado dentro do meu país. Isso nunca aconteceu na minha carreira inteira, nem mesmo no exterior. É triste e difícil saber que as pessoas às vezes não valorizam o nosso esporte” (Gazeta Esportiva, 2013, p 1).

O atleta competitivo tem que render ao máximo, alcançar bons resultados, trabalhar o seu corpo e seu lado psicológico juntos. Nesse contexto, o atleta tende a seguir sua jornada sozinho, sendo vitorioso tanto no seu caminho em que abdica do seu meio social (festas, eventos, estudos e namoros) devido ao compromisso firmado com o esporte em que dispõe de pouco tempo livre e flexibilidade, além de uma profissão não valorizada (quando não alcança uma valorização da mídia), como na luta individual que são os seus treinos e campeonatos.

Conforme sustenta Rodríguez et al (2000), várias características positivas são atribuídas a personalidade de um atleta; ele pode ser visto como alguém sociável, confiável, amável, extrovertido, com uma boa imagem de si, rígido com pouca probabilidade de jogar mal, aberto à críticas, maduro, otimista, disciplinado e objetivo. Outra consideração é que o atleta competidor é idealizado como pessoa, ficando oculta a sua sombra, suas dificuldades e seus conflitos a partir da visão de outras pessoas. Quantas vezes ouvimos um narrador dizer que tal atleta é favorito, que garantirá uma medalha de ouro para o seu país, sem sabermos quais as próprias expectativas do competidor. Descarta-se, assim, o atleta como pessoa e só lhe resta a posição de herói, sendo contestado se não obtiver êxitos, como a medalha de ouro, desconsiderando mesmo a prata.

Sobre as dificuldades vividas pelo atleta na sua vida pessoal Belluci afirma:

A mentalidade das pessoas aqui no Brasil é diferente da Europa, dos Estados Unidos. As pessoas têm que saber valorizar mais o atleta. É difícil para a torcida aceitar que posso não estar num dia bom, não ter dormido muito bem ou ter acontecido alguma coisa comigo” (Gazeta Esportiva, 2013, p 1).

O tênis apresenta uma especificidade em a relação a esportes coletivos: o êxito ou o fracasso dependem unicamente da *performance* do atleta. De sua postura frente a um mal desempenho inicial dependerá a possibilidade de uma recuperação e mesmo, a vitória, não há sequer um tempo limite para a partida terminar.

“A concentração de forças no momento quem conseguir isso, sentirá também o sucesso no trabalho de casa, no seu posto de trabalho no escritório, ou na fábrica (...) Portanto, quem concentra suas energias no momento mais próximo ganha o jogo. E quem vence dessa maneira toma-se tranqüilo, equilibrado, seguro de si. Não só na quadra de tênis. Toda pessoa enfrenta primeiro a si mesma, mesmo quando tem problemas com outra. Tem de superar inibições, excitações ou medos, antes de poder rechaçar o inimigo exterior.” (Muller, 1997 p.21).

Como dito por Muller (1997), é preciso ganhar confiança frente aos bichos, animais devoradores que aparecem nos sonhos e nos assustam e na jornada do herói, quando vamos ganhando confiança em nós mesmos, quando passamos a aceitar críticas, humilhações, podemos conhecer os medos e suas origens, esse é um “trabalho preliminar” para o processo de individuação, domando o animal interior. Fazendo uma analogia com o jogador de tênis, referente a postura do atleta de se reerguer, o jogador quando se vê próximo a uma derrota precisa reconhecer os obstáculos à sua frente, superar os seus medos, o “braço travado” a “perna bamba” para conseguir lutar pelo seu

objetivo. Mesmo que não seja possível a vitória, o sentimento de luta, de ter feito o que podia, é uma vitória. Esses casos aparecem constantemente frente a um matchpoint (quando falta um ponto para finalizar o jogo), tanto para o matchpoint a favor ou contra, em que precisa de coragem e determinação para evitar a derrota (mesmo que seja postergada) ou conquistar a vitória.

A atitude de não sucumbir ao medo e colocar o seu corpo em sintonia com o instrumento (raquete) liberta esse lado instintivo presente no animal que dá vazão a uma ação espontânea de disputar o ponto da melhor forma possível, inclusive libertando o grito tão característico dos jogadores de tênis ao final de um ponto importante: “Vamos!”.

Como experiência própria, disputar os torneios fora do seu país, tendo que reservar quadra, encontrar um parceiro, na sua maioria estrangeiro (que será um possível oponente, pois está disputando o mesmo torneio que você) que aceite treinar, é uma tarefa desgastante que faz parte da rotina do jogador de alto rendimento. Outrossim, é o preparo físico que precisa ser feito diariamente tendo o atleta que se adaptar as estruturas dos clubes e locais de treinamento de outros países.

Concomitantemente, há necessidade de um alto investimento financeiro no tênis, algo que pode ser desmotivador frente à desvalorização e falta de patrocínios para o esporte. Como percebi a partir de minha experiência, há o custo do material (raquetes, roupas, bolas), além da locação da quadra, o custo do técnico, da inscrição nos torneios, da hospedagem e passagem aérea para os torneios fora da sua cidade de treino e fora do seu país.

Apesar dessa dedicação, nem sempre o tenista consegue ser vitorioso. Eu fui disputar um torneio na Argentina, quando minha família aproveitou o feriado para me acompanhar. Felizmente, consegui participar do torneio, o que muitas vezes não ocorre devido à posição do tenista no ranking. Fui sorteada para jogar contra uma adversária menos experiente do que eu. No entanto, eu vivia o dia em que nada dava certo. É uma frustração por ver a sua família fora do país torcendo por você e, sobretudo, pelo custo alto da viagem, mais as minhas horas de treinos físicos e na quadra, o cuidado com a alimentação, com

o sono, as festas e os convites recusados e, por somente depender de você fazer essas abdições e incentivos “valerem a pena”. Por isso, simpatizo com a fala do Bellucci frente a uma derrota em sua entrevista:

Não sei se estava muito nervoso ou muito tenso, mas não consegui imprimir um estilo de jogo que me fizesse sentir mais solto dentro da quadra. Realmente, não consegui fazer nada hoje. Tem dias em que você tenta de tudo e nada dá certo. Dei 100% e infelizmente não foi suficiente” (Gazeta Esportiva, 2013, p1).

Dados da pesquisa de Rodríguez et al. (2000) informam algumas características da personalidade do jogador de tnis de alto rendimento comparadas as de outros esportistas de modalidades individuais e não esportistas². O tenista obteve maiores resultados para os itens “auto-suficiência” e “tensão” o que indica que ele tende a ser mais individualista, solitário, tenso e impaciente. Também observaram que ele tem oscilações de humor e é mais reativo, introvertido, tímido, temeroso, sério, ansioso e reprimido, diferente do que Shubert y Vanfraechem-raway (1968) e Dario (1985), citados por Rodríguez et al. (2000), afirmam, dizendo que o tenista é extrovertido, pouco ansioso e auto-confiante.

O tenista, como dito anteriormente, para sagrar-se um dedicado jogador tende a ser solitário e individualista no esporte de alto rendimento, o que o leva, de certa forma, a ter que buscar o herói interno constantemente, para continuar na sua empreitada. É relevante esse tempo consigo mesmo para um autoconhecimento, para o esportista perceber e refletir sobre seus medos, anseios, sentimentos quase admitidos e desenvolver a capacidade de distanciamento.

A partir da minha experiência de diversos anos de dedicação a esse esporte, participando de treinos árduos, torneios federados, confederados e profissionais, testemunho que o tnis foi um elemento essencial para o meu desenvolvimento. E em diversos momentos, tenho me inspirado em “figuras

2. Os pesquisadores estudaram tenistas tendo entre 14 e 25 anos da Gran Canária.

heróicas”, despertando o herói dentro de mim para continuar seguindo essa modalidade e enfrentar situações cotidianas. Diversos momentos, como a frustração frente à derrota, o receio de perder, a dedicação assídua aos treinos puxados durante o período de férias escolares (pré-temporada) me fizeram pensar em abandonar o esporte. Porém, esses mesmos momentos me despertaram uma força que não me fazia desistir.

O herói é fascinante para os seres humanos porque ele pode ser visto como um modelo, como alguém que representa os nossos sofrimentos, as nossas batalhas, vitórias, derrotas e abdições. Todos os indivíduos possuem um lado heróico dentro de si. O herói nos mostra que há esperança e que podemos reverter uma situação, arriscando-se no novo, no desconhecido (MULLER, 1997).

A abordagem da psicologia analítica foi escolhida para esse trabalho devido à preponderância de estudos realizados com a suposição da constelação do arquétipo de herói nos esportistas e pela minha identificação com esse conceito na minha prática esportiva.

No âmbito da Psicologia, o esporte auxilia o atleta a superar limitações com as quais só pode entrar em contato frente a uma situação delicada, como ver se diante de um “mau período” no esporte e não querer parar por ser algo que faz parte da sua personalidade, do seu bem-estar, o ser atleta. Dessa forma, ele está em um constante desenvolvimento interno e externo nas novas relações interpessoais que o esporte lhe proporciona.

Esta proposta também se justifica pela posição que ocupa, no Brasil, a Psicologia do Esporte, uma ciência pouco desenvolvida que teve a aparição de suas primeiras pesquisas no século XIX, sendo nos anos 1920 que surgiu na União Soviética, nos Estados Unidos, no Japão e na Alemanha os primeiros laboratórios e institutos de psicologia (SAMULSKI, 2002).

Na América Latina, a Psicologia do esporte teve início em 1970 e em 1979 foi fundada a sociedade Brasileira de Psicologia do Esporte da Atividade Física e da Recreação (SOBRAPE) (SAMULSKI, 2002).

Por conseguinte, a sua contribuição no esporte tem potencialidades a serem desenvolvidas através de estudos teóricos e científicos como este.

Objetivo Geral

O estudo proposto tem por objetivo, a partir da abordagem da Psicologia Analítica, identificar elementos da trajetória do herói nas fases de separação, iniciação e retorno nos diversos momentos da carreira de uma tenista profissional. Foram analisados as vitórias e derrotas da ex tenista profissional Maria Esther Bueno a partir do relato de sua história no esporte aproximando-as das fases da saga heróica descritas por Campbell.

Objetivos específicos:

1. Identificar, no relato de uma tenista as aproximações entre as fases descritas no mito do herói com os percalços da vida esportiva;
2. Perceber como as vitórias e derrotas expressam vivências da ordem heroica em suas diversas fases.

1ª Parte: Embasamento Teórico

Foi escolhida a Psicologia Analítica que toma o mito do herói como expressão simbólica do desenvolvimento do ego em suas conquistas e percalças. Assim, buscamos apoio em seus conceitos para proceder à análise da trajetória de Maria Esther Bueno.

1. Conceito de Arquétipo

A noção de arquétipo, na teoria junguiana, parece ter sua origem entre 1909 e 1912, a partir de um sonho que Jung teve e da análise do caso da Srta. Frank Miller, quando Jung quis explorar a significação das fantasias de Miller, e de seu conflito que poderia ser arquetípico. A partir desse pensamento, Jung descreveu a constelação do mito do herói, que é característico tanto no homem como na mulher e é o papel de criador da consciência. O arquétipo do herói necessita que a criança se separe da mãe ao assumir as responsabilidades da vida, abandonar o pensamento fantasioso infantil e aceitar a realidade de um modo ativo (STEIN, 2006).

O arquétipo é um conceito criado a partir da teoria junguiana. Para Jung, arquétipo e instinto estão relacionados, já que o arquétipo é um potencial, não uma imagem, é preciso estudá-lo junto com a história pessoal e o desenvolvimento psicológico (STEIN, 2006).

A partir do relato de sonhos, fantasias, fontes de matérias advindos do inconsciente, Jung percebeu que havia algo em comum entre os seus pacientes, como algumas estruturas gerais. A essa camada, a mais profunda da psique humana, denominou “inconsciente coletivo”. O conteúdo desse inconsciente são os arquétipos e instintos, esses são dons, coletivos, que a natureza deu aos seres humanos (STEIN, 2006)

[...]O homem “possui” muitas coisas que não adquiriu dele próprio, mas herdou dos antepassados. Não nasceu *tábula rasa*, apenas nasceu inconsciente, traz

consigo sistemas organizados e que estão prontos a funcionar numa forma especificamente humana devido a milhões de anos de desenvolvimento humano. Da mesma forma como os instintos dos pássaros de migração e construção do ninho nunca foram aprendidos ou adquiridos individualmente, também o homem traz do berço o plano básico de sua natureza, não apenas de sua natureza individual, mas de sua natureza coletiva [...] (JUNG, 1975 p. 291-310 citado por STEIN 2006 p. 84)

Jung começou a se interessar pela teoria dos arquétipo com o estudo do caso da Srta. Miller, publicado pelo seu amigo, Gustav Flournoy, e um sonho, que o fez distanciar-se da teoria da libido defendida por Freud, começando a formular a teoria sobre o inconsciente coletivo (STEIN, 2006). Desse modo surgiu a formulação da teoria de arquétipo. O sonho de Jung é descrito da seguinte forma:

[...] Sonhou como uma casa (chamou-lhe minha casa no contexto do sonho) que tinha numerosos níveis. No sonho, ele explora os andares da casa: começa pelo andar nobre (a idade atual), desce ao subsolo (o passado histórico recente) e continua descendo através de muitos porões (o passado histórico antigo, como grego e o romano, e finalmente o passado pré-histórico e paleolítico) [...] (STEIN, 2006 p.85).

Jung observou no sonho de Miller dois tipos de conflitos, um relacionado ao sexual, em que ela precisava de uma saída erótica, mas não encontrava saída e o outro era um conflito mais profundo, que denominou arquetípico. Ele reuniu diversos conteúdos mitológicos, religiosos, contos para interpretar o sonho de sua paciente e buscou encontrar as correlações existentes. Srta. Miller produziu imagens de tribos indígenas, de egípcios, espontaneamente (STEIN, 2006).

O arquétipo obedece a certos princípios, enquanto a sua imagem não se pode prever. As imagens arquetípicas são imagens profundas que se formam pela ação dos arquétipos provenientes da psique coletiva (HALL, 2007).

Conforme a Psicologia Analítica sustenta, desde o nascimento, o ser humano percorre um caminho conflitante, que se inicia na sua primeira respiração. As crianças são auxiliadas pelos adultos e por outras crianças para aprenderem a resolver seus conflitos cotidianos e lidar com a impotência frente a vida e a morte. Devem conquistar a sua dependência para não serem subordinados às opiniões de seus pais, adquirindo a autonomia e constelando o arquétipo de herói. Todo adulto já foi criança e deve ter a consciência afetuosa da criança frágil e solitária que já foi para poder seguir no seu processo de individuação (CAMPBELL, 1997).

2. Desenvolvimento Psicológico

O processo de individuação é decorrente do desenvolvimento natural do ser humano e proporciona integridade e o surgimento do si-mesmo. É o processo que faz a pessoa tornar-se um ser único (peculiar) e unificado (unido). O mecanismo psicológico que auxilia esse processo é a compensação que tem com função equilibrar o sistema psíquico.

Segundo Jung, as pessoas crescem e se desenvolvem até os seus 70/ 80 anos, esse parâmetro é devido a durabilidade média da vida humana. Até os vinte anos de idade, aproximadamente, é o momento em que o corpo físico está sendo desenvolvido, é o ápice do desenvolvimento físico. Contudo, a partir dos trinta anos o corpo do indivíduo começa a declinar o que propicia um cuidado maior com o corpo, como protegê-lo e respeitá-lo. Na meia-idade geralmente acontecem transformações indesejáveis e a aproximação à morte. O desenvolvimento da psique acompanha o desenvolvimento do corpo físico até um determinado momento. Diferente de outros teóricos, Jung trabalhou com a idéia de que a idade adulta e a velhice são etapas desse crescimento. Um conjunto de imagens arquetípicas auxiliam na passagem de cada etapa da vida.

Em relação ao desenvolvimento da psique, na primeira metade da vida o objetivo é desenvolver o ego e a persona.

O início do desenvolvimento do ego é quando a criança separa-se de sua mãe por volta dos dois anos de idade e é um momento que pode estar relacionado com a primeira aproximação do arquétipo de herói. Essa separação inicial dá forças para o indivíduo ultrapassar as próximas etapas de desenvolvimento (STEIN, 2006).

O ego aprende de forma natural e espontânea a manipular o ambiente para a sobrevivência do ser humano e para conter reações e sentimentos reprimidos pela sociedade. Segundo Jung:

[...] O ego da criança e da pessoa jovem saudáveis empenha-se na tarefa de aprender a estabelecer o seu próprio mundo, tornando-se independente nas condições oferecidas por circunstâncias de nascimento. A adaptação, que está baseada em imagens arquetípicas tais como a unidade mãe-bebê e o ulterior padrão heróico de separação e conquista, tem lugar em relação a quaisquer circunstâncias, sejam elas quais forem [...] (Stein, 2006 p.155).

Finalizada essa passagem, as pessoas podem se adaptar culturalmente, socialmente, libertar-se e criarem maturidade para procriar.

Quando desenvolve-se o ego e a persona, outras tarefas surgem, como integrar a sombra a consciência, o anima e o animus.

Esse desenvolvimento será único para cada indivíduo, dependendo da sua cultura, da sua família, da sua possibilidade econômica e da sua formação. No entanto, os fatores culturais influenciam o momento deles assumirem papéis e responsabilidades, toda cultura espera do jovem certas realizações e adaptações à cultura, constituindo demanda universal, portanto arquetípico (STEIN, 2006).

O herói e a heroína são imagens adequadas para representar esse processo de desenvolvimento do ego.

Na segunda metade da vida o objetivo é a unificação da personalidade. Como Jung denomina “regresso às mães” (Stein, 2006 p. 158). Quando o ego

atinge seu ponto de desenvolvimento máximo os objetivos mudam, são “descartados os antigos”. Alguns objetivos alcançados são repensados e analisados. O objetivo é unificar o ego ao inconsciente e observar o que não foi alcançado.

3. Desenvolvimento do Ego

Nesse capítulo o objetivo é explicar as características do ego e o seu desenvolvimento. Para isso, é relevante abordar brevemente o papel da consciência e do inconsciente.

Ambos fazem parte do sistema psíquico. O inconsciente é dividido em inconsciente pessoal e inconsciente coletivo. Sendo o primeiro, revestido por conteúdos de experiências vivenciadas pelo próprio indivíduo, onde estão presentes os complexos, a sombra e a persona. Enquanto que o coletivo é a camada mais profunda da psique não podendo ser diretamente acessada. Os seus conteúdos são herdados e coletivos, e nele estão presentes os arquétipos.

De acordo com Stein (2006), na psique há os conteúdos subliminares que são acessíveis a consciência de modo voluntário, os que podem ser acessíveis involuntariamente e os que não podem ser acessados.

Como apresentado por Jung (1997), tudo que se tem acesso do inconsciente, veio por intermédio da consciência. A consciência está presente o tempo todo na vida dos indivíduos. No entanto, para tornar algo consciente a intermediação é realizada pelo ego. Qualquer conteúdo que irá permanecer consciente, que saíra do inconsciente ou que permanecerá inconsciente é definido pelo ego.

Na verdade, o entendimento do que significa o “eu”, dá-se ao longo do desenvolvimento humano, é possível que quanto maior a vivência, maior a possibilidade de clareza do eu. Ou seja, a criança demora para reconhecer-se como indivíduo.

Partindo da concepção de Stein: “Ego é um termo técnico cuja origem é a palavra latina que significa “eu”. Consciência é a percepção dos nossos próprios sentimentos e no seu centro existe um “eu” (Stein, 2006, p 21).

De acordo com Stein, o ego é uma forma de percepção dos nossos próprios sentimentos, exercendo uma função centralizadora da consciência que surge desde o nascimento, é inato.

O núcleo do ego é inato e imutável, mas ele se desenvolve a partir de colisões, ou seja, conflitos comuns ou incomuns do ser humano (STEIN, 2006).

O ego é eliciado por emoções ou desejos, voltando a sua intenção para o que lhe é mais relevante no ambiente ou internamente determinando uma carga de energia específica para cada situação, sendo essa uma escolha.

O ego é neutro, não se pode dizer que um ego é bom ou ruim, ele é necessário à vida humana e o que nos diferencia dos animais ou plantas, além de ser o que promove a individualidade de cada um.

Stein (2006) diferencia dois tipos de ego, o forte e o fraco:

Um ego forte é aquele que pode obter e movimentar de forma deliberada grandes somas de conteúdo consciente. Um ego fraco não pode fazer grande coisa desse gênero de trabalho e sucumbe mais facilmente a impulsos e reações emocionais. Um ego fraco é facilmente distraído, e por consequência, carece de foco e motivação consistente (Stein, 2006 p. 27).

Jung afirma que por volta de dois anos de idade a criança passa a utilizar a primeira pessoa, “eu”, invés da terceira para dizer algo de si, e esse momento é de extrema relevância. A partir de um certo ponto, Jung afirma que os indivíduos começam a ter seu ego moldado pela sociedade, pelo meio cultural em que ela é educada (STEIN, 2006).

Jung afirma que o ego possui uma base somática e uma psíquica. Não obstante, a somática, na realidade, não é o corpo em si, mas uma representação dele. Desse modo: “o ego é essencialmente um fator psíquico (Stein, 2006, p.31)”.

De modo geral, o ego é influenciado facilmente por eventos externos ou internos mesmo sendo um ego forte.

Independentemente do ego ser forte ou fraco, o indivíduo precisa se adaptar socialmente e psiquicamente no seu meio ambiente, isso faz com que ocorra colisões entre o mundo interno e externo, o que é um fator propulsor para o seu desenvolvimento, como já dito anteriormente. No entanto, deve se ter uma medida, se as colisões são traumáticas, isso poderá afetar o ego de forma negativa.

A pessoa que sofre esse trauma, pode conviver normalmente no plano cognitivo, mas é possível que seu ego vulnerável se isole do meio social por proteção (STEIN, 2006).

Um ambiente muito protegido tende a fazer com que a criança desenvolva mais lentamente o seu ego porque não haverá conflito entre as suas necessidades e o ambiente. Obviamente, apenas haverá crescimento se a colisão for bem direcionada (STEIN, 2006).

4. Mito do Herói

O arquétipo do herói é um de vários outros arquétipos que permeiam o inconsciente coletivo, a camada mais profunda da psique. Existindo infinitos arquétipos, como o da Grande Mãe, do Puer-Senex, Bruxa, dentre outros.

A forma como o arquétipo pode se manifestar, considerando que ele não é perceptível na sua forma pura, por ser um potencial herdado, pode ser por meio de símbolos. Os mitos são uma forma de manifestação do símbolo, logo, do arquétipo (GRAMASCO, 2004).

O herói vem ao mundo para servir aos homens, mantendo a sua cumplicidade com os deuses. Assim sendo, para Gramasco (2004), o arquétipo de herói serve os outros arquétipos, para fazerem eles aparecerem na consciência.

O efeito dos rituais e das imagens arquetípicas é fazer com que os indivíduos passem por difíceis transformações, iniciem novas etapas da vida que

requerem uma nova adaptação consciente e inconsciente. Os chamados “ritos de passagem” (celebração do nascimento, casamento, morte, etc) são celebrações formais que tem como o objetivo despedir-se de padrões de comportamento, estilos, que ficaram para trás. Algumas imagens aparecem nesses momentos de passagem pelos sonhos. Há uma distinção relevante entre o sonho e o mito (GRAMASCO, 2004).

No sonho há deformações de questões particulares da vida do indivíduo que sonha, do inconsciente pessoal, enquanto que no mito as representações são funcionais para toda humanidade (CAMPBELL, 1997)

Como salienta Campbell: “A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás.” (Campbell, 1997 p. 9).

O arquétipo de herói é vivenciado pela unidade nuclear do monomito que é a tríade (separação-iniciação-retorno): trata-se de três momentos marcantes da sua vida, em que se mantém o objetivo e finalidade do caminho percorrido pelo herói, sendo a primeira fase a de separação, em que a criança se distingue da sua mãe, virando um “mortal” diferente dos outros. Em seguida, há a fase de iniciação, quando o jovem que foi treinado começa a se destacar nas suas lutas, realizando os seus grandes feitos. E, por último, o retorno, em que ele volta para o seu mundo trazendo tudo que aprendeu na sua jornada após ter vencido o último desafio (CAMPBELL, 1997).

Segundo Toynbee, a separação (primeiro momento do monomito) é passagem da ênfase do mundo externo para o interno, do macrocosmo para o microcosmo, o momento em que há uma reflexão interna.

Portanto, a primeira tarefa do herói consiste em:

[...] retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e

da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que C. G. Jung denominou "imagens arquetípicas [...] (Campbell, 1997, p 12).

O herói é aquele que conseguiu vencer as suas limitações alimentado por inspirações, elucubrações de fontes primárias do desenvolvimento humano. O herói faleceu como homem e a sua segunda tarefa, segundo Toynbee é ensinar a lição que aprendeu em sua jornada. O caminho que o herói percorre é dotado de perigos e sorte representados de distintas formas (CAMPBELL, 1997).

Em diversos momentos, o herói é alimentado e cuidado por pessoas mais simples, que desde cedo ensinam valores, artimanhas, valores éticos que lhe acompanharão ao longo de sua vida. Logo cedo, ele se destaca dentre os outros seres humanos e por conseguinte observa-se a necessidade de "afastar-se dos mortais". É nesse momento que o mestre reconhece como um ser talentoso e a quem ensinará habilidades, potenciais a serem desenvolvidos, formas de defrontar-se com seus medos e conselhos preciosos (SILVA, 2002). O herói, na verdade, é um "encaminhado de Deus" que está presente em todos nós e apenas espera para ser reconhecido e transformado como tal.

Em contrapartida, para poder enfrentar as suas batalhas, o herói deve ir sozinho, de forma solitária, com todo o conhecimento proveniente do seu mestre e outros indivíduos que apareceram na sua vida. A cada etapa, o herói acumula novos ensinamentos, forças, conquistados em cada batalha, até chegar a sua batalha final. Quando, finalmente, vence a última batalha, ele deve retornar ao seu povo declarando a sua vitória e repassando todos os conhecimentos que conquistou no seu percurso (SILVA, 2002).

Em vista disso, pode-se observar a trajetória, separação, iniciação e retorno como sendo importantes períodos para o herói, tendo que ultrapassar essas fases para sagrar-se como tal.

Essa jornada representa o caminho do ego ao inconsciente, entrando em contato com conteúdos da sua psique coletiva e individual. Ele deve afastar-se do seu cotidiano para adentrar no seu inconsciente, qualquer ser humano pode

passar por essa fase (SILVA, 2002). O correto é seguir a trilha e “permitir” transformar-se.

Explicitando cada passagem do monomito, iniciarei pela primeira fase:

A separação:

Duas das possibilidades de iniciar a aventura podem ser pelo erro ou por uma caminhada sem destino, em que um olhar errático pode levar a jornada. É um momento do despertar do eu em que o chamado revela o que estava adormecido e o que era desconhecido iniciando um rito de passagem em que há a morte seguida do nascimento. O herói pode partir por vontade própria ou ser enviado por algum agente (CAMPBELL, 1997).

No mito, há uma figura que convida e leva o herói para a sua aventura marcando uma nova biografia. A partir desse momento a convocação não poderá ser recusada. O destino que lhe é assegurado é para um local desconhecido (pode ser representado por uma floresta, uma ilha secreta, uma montanha distante) habitado por figuras peculiares, diferente da sociedade que lhe é comum (CAMPBELL, 1997).

O indivíduo pode recusar a aventura, no entanto isso será uma recusa a si mesmo que o aprisionará ao cotidiano monótono, sem crescimento e a impotência de abandonar o ego infantil (CAMPBELL, 1997).

Aqueles que não recusaram o chamado primeiro receberão um amuleto ou algum objeto que possa lhe servir de proteção de uma figura protetora, uma anciã ou um ancião (paterna e materna) ou um guia. As forças do inconsciente estarão do seu lado se ele responder ao seu próprio chamado e seguir corajosamente o seu caminho (CAMPBELL, 1997).

Após o herói receber orientações e amuletos ele passará a enfrentar os perigos da sua trajetória dentre as florestas, rios, selva repercutindo a entrada no desconhecido (CAMPBELL, 1997).

Há um momento em que o herói precisa enfrentar um dos maiores perigos que é a “passagem pelo primeiro limiar”. O herói liberta o seu ego para

seguir adiante enfrentando os desafios. A passagem do limiar é o renascimento simbolizada pelo útero da mãe ou o ventre da baleia. O herói é jogado no desconhecido aparentando que ele morreu, porém é apenas a partida para próxima etapa do monomito, a iniciação. Uma analogia que pode ser feita é da história da Chapeuzinho Vermelho que foi engolida pelo Lobo-mau. Como pode ser observado a passagem do limiar seria a auto-aniquilação (CAMPBELL, 1997).

A forma e por quem o herói é devorado não é relevante, podem ser lobos, serpentes, tigres, etc. Essas figuras mitológicas encontram-se na porta dos templos pois são os guardiões do limiar, resguardam os limites do mundo convencional. O herói quando for “engolido” sofrerá uma metamorfose. O fato de todos os seres humanos poderem adentrar-se no templo não invalida a sua relevância pois se esse indivíduo for incapaz de compreender esse santuário e de se transformar ele permanecerá do lado de fora (Campbell, 1997).

A iniciação:

Após adentrar no limiar o herói encontrará uma nova fase como referido por Campbell:

[...] o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura. Ela produziu uma literatura mundial plena de testes e provações miraculosos. O herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar sobrenatural que havia encontrado antes de penetrar nessa região. Ou, talvez, ele aqui descubra, pela primeira vez, que existe um poder benigno, em toda parte, que o sustenta em sua passagem sobre-humana [...] (Campbell, 1997, p. 57).

Uma das suas tarefas difíceis será encontrar a sua amante perdida. Nesse caminho diversas figuras simbólicas serão encontradas. Esse é um momento da “purificação do eu”, em que Campbell diz:

[...] as energias e interesses, ‘concentrados em coisas transcendentais’; ou, num vocabulário mais moderno: trata-se do processo de dissolução, transcendência ou transmutação das imagens infantis do nosso passado pessoal [...] (Campbell, 1997, p. 58).

O herói descobre e assimila o seu oposto. Ele deve deixar de lado o orgulho, a vaidade para perceber que o seu oposto temido complementa a si mesmo. Percebido isso, resta-lhe seguir o longo caminho, que lhe trará muitas vitórias (CAMPBELL, 1997).

O herói no seu caminho deve ser gentil, humilde. Ele possuirá uma guia feminina que quando vista por olhos inferiores é considerada repugnante, contudo, se vista de forma compreensiva e gentil, o herói poderá trazer consigo um enorme potencial (CAMPBELL, 1997).

Como cita Campbell:

O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: amor jáú), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade (Campbell, 1997, p. 67).

Além da figura feminina há a masculina que é a do pai. É a partir da figura do pai que o humano iniciará o seu desenvolvimento de forma mais ampla, ou seja, tendo maior responsabilidade pelas suas escolhas e pela sua forma de se portar no mundo, assim o pai, segundo Campbell será o “sacerdote iniciador” (Campbell, 1997, p. 75). Portanto, se o filho for indulgente, irresponsável e não seguir a sabedoria de seu pai o seu destino poderá ser o caos.

É nessa fase em que o herói inicia a sua preocupação com o “seu mundo”, com os indivíduos que pertencem a sua “tribo”. É o que Campbell conta

sobre os ritos de iniciação quando a criança passa para a fase adulta o que ocorre em tribos indígenas e o que ocorria na sociedade e, atualmente, em algumas culturas. Para ocorrer essa passagem ele precisa se distanciar do seu povo e enfrentar determinados sacrifícios. O objetivo é fazer com que o sentimento de amor e ódio se separam e esse “novo adulto” se liberte dos seus preconceitos, reflita sobre os seus desejos e coloque-se no lugar do outro.

Uma característica da jornada do herói é a facilidade com que ele a caminha devido a sua superioridade nata. Ele não comete erros e por ser o eleito não encontra nenhum empecilho. E quando ele possui mérito pelas suas conquistas os deuses lhe dão sabedoria e iluminação ao considerarem apropriado (CAMPBELL, 1997).

O herói pode solicitar aos deuses desejos variados o que podem ser vontades que não propiciam o seu crescimento individual. Ele solicita certos pedidos para o auxiliar a ultrapassar as suas limitações pessoais. Como salienta Campbell:

[...] A agonia da ultrapassagem das limitações pessoais é a agonia do crescimento espiritual. A arte, a literatura, o mito, o culto, a filosofia e as disciplinas ascéticas são instrumentos destinados a auxiliar o indivíduo a ultrapassar os horizontes que o limitam e a alcançar esferas de percepção em permanente crescimento. Enquanto ele cruza limiar após limiar, e conquista dragão após dragão, aumenta a estatura da divindade que ele convoca, em seu desejo mais exaltado, até subsumir todo o cosmo [...] (Campbell, 1997, p. 101).

Esse momento é uma etapa em que o herói ultrapassa o seu desafio final, mas ainda não é o seu último momento de dificuldade pois ainda há o retorno.

O retorno:

Para finalizar o círculo do monomito, ainda segundo o autor, o herói deve retornar à sua comunidade para trazer-lhe a sabedoria ou a “Princesa Adormecida” pois esses podem servir a renovação do seu povo. Essa é uma

tarefa recusada por diversos heróis inclusive por Buda segundo Campbell. Outro exemplo seria a história do rei Muchukunda:

Conta-se a comovente história de um antigo rei-guerreiro hindu chamado Muchukunda. Ele havia nascido do lado esquerdo do pai, tendo este engolido por engano uma poção de fertilidade que os Nrahmins haviam preparado para sua esposa; e, mantendo-se o promissor simbolismo desse milagre, a maravilha gerada sem mãe, fruto do útero masculino, cresceu para tornar-se um rei tão importante entre os reis que, quando os deuses, num certo momento, estavam sofrendo derrotas em sua perpétua batalha com os demônios, pediram-lhe ajuda. Ele lhes deu assistência numa grande vitória e eles, em sua divina gratidão, garantiram-lhe a realização do seu maior desejo. Mas que poderia um tal rei, ele mesmo quase onipotente, desejar? Que dádiva das dádivas poderia ser concebida por um tal mestre entre os homens? O rei Muchukunda, diz a história, estava muito cansado após a batalha: tudo o que pediu foi a garantia de um sono sem fim e de que toda pessoa que viesse a acordá-lo fosse transformada em cinzas pelo primeiro olhar que ele dirigisse (Campbell, 1997, p. 114-115).

Desse modo, observa-se o cansaço decorrente da iniciação heróica que dificulta a tarefa do herói trazer o ensinamento para agregar sabedoria ao seu reino que, em parte, desvaloriza as suas conquistas. As outras gerações “perdem” aquilo que o herói aprendeu.

Como salienta Campbell, ao retorno do herói somente trará restauração a sua comunidade se ele tiver a benção dos deuses, caso contrário ele será perseguido pelos mesmos. E se ele não resistir ao retorno, a própria força externa, do mundo, irá trazê-lo para a vida humana.

Nesse retorno, fica evidente o auxílio de uma força externa como salienta Campbell, que promove a ressurreição do herói ao seu novo mundo. Possivelmente, é um desequilíbrio do ego que se reestrutura posteriormente, mas a sua volta geralmente não é fácil: “Ele tem de enfrentar a sociedade com seu elixir, que ameaça o ego e redime a vida, e receber o choque do retorno,

que vai de queixas razoáveis e duro ressentimentos à atitude de pessoas boas que dificilmente o compreendem (Campbell, 1997, p. 123).”

Não obstante, o retorno do herói, é nada menos do que a volta do “mergulho” que ocorre dentro dos seres humanos. E outra dificuldade do herói que retorna, é como suportar o real, abdicar de situações que trouxeram felicidade, tristeza, conquistas, frustrações, superações. Ou então como compartilhar essas experiências com os que não percorreram esse caminho? Como “guiar” o próximo herói através da palavra depois de tudo o que foi vivenciado?

O herói sábio é aquele que sabe transitar entre os dois mundos. É aquele que se renovou, agregou novos valores ao seu ser e modificou valores antigos. O herói é aquele que após passar por um árduo caminho traz uma bagagem que lhe auxiliará durante a sua vida e ensinará outros heróis (CAMPBELL, 1997).

Método

1. Sujeito

Maria Esther Bueno (figura 1), maior nome do tênis brasileiro, foi contatada via ligação telefônica sobre a pesquisa e foi solicitada a sua autorização. A pesquisadora explicou que está fazendo o seu Trabalho de Conclusão de Curso e que gostaria de entrevistá-la para registrar sua experiência no tênis desde o seu início até os dias atuais. A pesquisadora relatou os objetivos da pesquisa e comentou que o nome de Maria seria divulgado por ser uma celebridade e, para isso, precisava de uma autorização prévia. Maria aceitou participar da respondendo à entrevista no segundo semestre de 2013.

A partir da entrevista de Maria foi possível observar as três fases do mito do herói, como fio condutor de sua biografia influenciada pelos seus pais que jogavam tênis socialmente e o seu irmão dois anos mais velho, Pedro Bueno, que iniciou o esporte pouco antes de Maria, até a fase do retorno (atual).

Maria nasceu em 1939 em São Paulo e iniciou os seus treinos no Clube de Regatas Tiête aos quatro anos de idade. Aos dezessete anos ela venceu o Orange Bowl, torneio juvenil internacional. Maria era uma aluna estudiosa, mantendo uma disciplina para conciliar o tênis e a escola, iniciando as suas viagens jovem de forma solitária para disputar os torneios internacionais (Fonte: <http://www.mariabueno.org/Maria's%20Lifestory.htm>).

No total, ela conquistou dezenove títulos de torneio do Grand Slam que compõe um grupo de quatro torneios (Aberto da Austrália, Aberto da França, Aberto dos Estados Unidos e Wimbledon), sendo os maiores torneios de mundo, tanto de pontuação para o *ranking* internacional como de prêmios.

Maria ficou *rankeada* como a número um do mundo em 1959, 1960, 1964 e 1966. Maria, ao longo da sua história, conquistou 589 títulos. No entanto, devido as suas contusões passou por diversas cirurgias e, mesmo assim, tentou retornar as quadras, até que não conseguiu ter o mesmo desempenho e se

aposentou do esporte (Fonte: <http://www.mariabueno.org/Maria's%20Lifestory.htm>). Atualmente, ela é comentarista de alguns Grands Slam, como o Aberto dos Estados Unidos, participou das Olimpíadas de Londres, participa de clínicas de tênis, e constantemente recebe homenagens.

Para entrevistar a tenista, apresentei o Projeto a Plataforma Brasil, o qual foi aprovado e preparei um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (vide anexo).



Fig 1: Foto retirada do Site Oficial da tenista Maria Esther Bueno.

2. Procedimento

A análise da entrevista através da observação de constelações arquetípicas amplia a possibilidade de horizontes na pesquisa psicológica. Isso ocorre pois utiliza-se do conceito inovador, “o arquétipo”, postulado por Jung não se restringindo ao inconsciente pessoal, ou seja, apenas as experiências pessoais do indivíduo. Desse modo, a visão abrangente traz conteúdos arcaicos dos mitos, religiões, vivências que podem ser observadas por uma nova perspectiva.

Essa forma de interpretação inclui conteúdos da psique coletiva, individual da subjetividade do homem. A investigação psicológica baseada na amplificação simbólica inclui fenômenos relevantes individuais (experiências individuais, sonhos) e coletivos (mitos, fatos políticos e sociais), desde que tenha valor simbólico para o indivíduo e para a sociedade (PENNA, 2013).

Desse modo, a análise qualitativa a partir da abordagem analítica baseada na Teoria dos Arquétipos proporcionou uma ampla visão referente a vivência da atleta considerando aspectos históricos, individuais e coletivos, ou seja, proporcionará uma visão da totalidade. E ao mesmo tempo permitiu um olhar abrangente e focalizado ao mesmo tempo.

Do ponto de vista epistemológico, o inconsciente fica acessível através da manifestação da perspectiva simbólica, sendo possível o seu conhecimento. O símbolo se constitui como ponte entre o mundo arquetípico, externo e consciente (PENNA, 2013).

Por último, do ponto de vista metodológico, a partir do processo simbólico o conhecimento é alcançado promovendo a amplificação da consciência individual e coletiva. “[...] A perspectiva metodológica abarca as etapas de apreensão e compreensão do fenômeno. A apreensão do fenômeno é feita pela observação e auto-observação na óptica simbólica- arquetípica [...]” (Penna, 2013, p 230).

Já os mitos, são indispensáveis para o homem se autoconhecer, são importantes para eles conhecerem a sua origem e a origem do mundo. Informam

sobre o comportamento dos humanos, como lidam com a natureza e como o homem produz para sobreviver (PENNA, 2013).

3. Instrumento

Na presente pesquisa qualitativa, foi utilizada uma entrevista aberta, para observar as três fases do herói, separação, iniciação e retorno. Segundo Quaresma e Boni (2005) é a partir da entrevista que podemos coletar informações subjetivas do entrevistado, os seus valores, atitudes e opiniões, diferente do questionário que se obtém informações objetivas. Optou-se pela entrevista aberta devido a possibilidade do entrevistado se manifestar abertamente com maior possibilidade de divagar sobre o tema escolhido. Como ressaltam os autores, a entrevista aberta é utilizada para maior aprofundamento e detalhamento do tema, sendo o entrevistador ouvinte, interceptando a entrevista o mínimo possível podendo interromper apenas para evitar o término precoce do indivíduo.

Essa entrevista será baseada no seguinte roteiro:

Parte 1- Separação

- Alguém te incentivou a iniciar as aulas de tênis?
- Como foi conciliar o estudo, os treinos e os torneios de tênis? Quais os maiores desafios encontradas na sua carreira para continuar praticando o tênis competitivo?
- Quais eram as suas expectativas quando iniciou o esporte?

Parte 2- Iniciação

- Você consegue separar a sua carreira esportiva em fases?
- Como você classifica a vida profissional levando em conta o seu interesse no esporte até a sua retirada dos torneios profissionais?

- Como foram as suas primeiras vitórias e como você se sentiu?
- Quais foram as derrotas mais marcantes e por quê?
- Havia alguma pessoa que te incentivava positivamente na disputa dos torneios?
- Você costumava cuidar do seu material? Como se relacionava com ele quando estava treinando ou disputando os torneios?

Parte 3: Retorno

- Quais os objetivos que você atingiu e quais foram frustrados?
- Qual o sentimento de não poder retornar às quadras após a lesão e ter que interromper a carreira?
- Por que você decidiu continuar trabalhando com tênis? Em algum momento pensou em não seguir essa carreira?
- Você sentiu a necessidade de resgatar sua trajetória e oferecê-la como modelo para jovens atletas?

2ª Parte: Análise

As respostas dadas à entrevista (vide anexo) foram analisadas a partir da amplificação simbólica aproximando-as dos símbolos e imagens pertinentes às fases do mito do herói.

A partir da entrevista com a tenista, Maria Esther Bueno, foi possível realizar uma análise qualitativa a respeito da sua trajetória, abarcando os três momentos do percurso do herói. Para facilitar a compreensão, a análise foi dividida seguindo o monomito do herói: separação, iniciação e retorno.

Separação

Analisando a forma que se deu o “chamado” do herói para a jornada, Maria Esther comentou que quem a incentivou a iniciar as aulas de tênis foi a sua família. Haveria duas possibilidades dela ter sido convocada, ou pelo erro, ou por uma caminhada sem destino.

Em seu discurso:

Quanto a parte do incentivo, eu sempre gostei de jogar, eu sempre gostei de esporte, meus pais eram todos esportistas. Meu pai era remador, tenista. Minha mãe também nadava, jogava vôlei, então, quer dizer... E tem o Pedro, meu irmão, que foi um grande tenista também. Portanto, eu tinha o incentivo deles, mas sem obrigação nenhuma. Isso eu acho que foi super importante, eles me deixaram a vontade (...)

Pode-se refletir que a sua convocação foi espontânea, o que Campbell afirma que é uma caminhada sem destino. Tendo uma família esportista, que não a obrigava a praticar assiduamente um esporte, Maria Esther pôde ter a liberdade de experimentar por si só. Claramente, foi uma paixão desde o início e que aparentemente não teve uma recusa por parte do herói. Posteriormente, ela diz que sempre jogou de forma natural.

A fala de Maria Esther demonstra a naturalidade e o amor que ela tinha pelo seu esporte, assim como o seu irmão, seu principal companheiro:

Isso eu acho que foi super importante, eles me deixaram a vontade e a gente, eu e o Pedro, jogamos tênis o tempo inteiro, fizemos natação, vários esportes porque a gente gostava e porque praticamente o clube era o nosso quintal de casa, eu ficava lá o dia inteiro e realmente aproveitei bastante.

O esporte é, de certa forma, o afastar-se da mesmice, que não permitiu que a Maria Esther ficasse aprisionada no cotidiano, podendo inovar nas quadras de tênis. Provavelmente, se ela não tivesse se adequadado ao tênis, mais especificamente, não iria significar que ela iria “fugir” da sua convocação, talvez ela teria encontrado essa paixão em outro esporte ou outro contexto.

Ao longo da entrevista, Maria Esther, afirma constantemente que a sua escolha pelo esporte, assim como o seu êxito, foram processos naturais:

(Maria Esther Bueno) (...) Eu nunca joguei o Wimbledon Juvenil, nem Roland Garros, nem nada, porque eu já estava vencendo no adultos. Aqui começou cedo, com 14 anos eu havia ganhado o torneio brasileiro infanto-juvenil até 14 anos, em julho, e em setembro eu ganhei o campeonato brasileiro, nacional, de adultos. Quer dizer que isso foi indo assim...

(Entrevistadora)- Espontaneamente?

(Maria Esther Bueno)- Isso, desde pequena.

Há uma questão interessante na iniciação da tenista. Geralmente, atletas do seu patamar, receberam um auxílio de seus técnicos ou de algum parente, como é o caso das duas tenistas americanas, Serena Williams e Vênus Williams, treinadas desde os quatro anos pelo seu pai, e vencedora de diversos torneios de tênis, considerados os melhores. No entanto, como disse em

entrevista, ela nunca teve um treinador de tênis, costumava treinar com o seu irmão antes de ir à escola.

Em resposta a ao questionamento sobre possuir um treinador, Maria Esther disse: “Nada, nunca tive. Nem treinador, nem acompanhante, nem professor de ginástica, nada”

Como pode-se perceber na entrevista, o seu irmão, Pedro Bueno, foi a principal figura para o seu desenvolvimento no tênis, segundo o seu relato era com ele que a tenista treinava a partir das 3 da manhã, e quem era a sua companhia para as viagens quando disputavam os torneios. O incentivo da sua família, permitindo que ela jogasse, sem cobrar resultados, que faltasse na escola o máximo possível, também permitiu que ela se sentisse livre para seguir a carreira até quando quisesse, colecionando todos os seus resultados, tornou o tênis o lazer e não uma obrigação. Possivelmente, é uma hipótese do porquê ela atingiu o topo do ranking mundial.

Segundo Maria Esther: (...) quanto mais você se vê numa situação de terror, que você tem que ganhar, que você tem que fazer, aí menos você irá produzir (...)

De qualquer modo, não ter um mestre, ou um guia que a apoiasse desde o início, mesmo tendo o seu irmão como figura de extrema importância, é algo que difere da trajetória do herói.

Atualmente, um jogador possui toda uma equipe para dar suporte a sua carreira: “um jogador vive em função dele mesmo, tem uma equipe de nutricionista, fisioterapeuta, tudo, então é outra coisa.”

Porém, apesar do herói ter o auxílio de um guia, no caminho que ele irá percorrer, o intuito é que ele vá sozinho, seguindo os conselhos de seu mestre, para poder ser considerada uma jornada heróica. Em vista disso, Maria Esther recolheu conselhos de outros jogadores, do seu irmão e da sua família. Apenas dessa forma, foi possível que ela aprendesse tecnicamente o esporte e os caminhos que deveria prosseguir para disputar os torneios.

Em entrevista, Maria comentou que aprendeu a jogar tênis com um “pouco” de cada atleta:

Eu gostava muito e via as pessoas que eu achava que jogava bonito para tentar fazer igual. Assim eu copiava o estilo de um hoje, do outro amanhã. Por exemplo, aqui as quadras de saibro que tem na América do Sul, no Brasil, são bem mais lentas do que quadra de grama e de cimento. Então, tinha que fazer alterações no jogo, porque se você fosse fazer um movimento muito grande na grama, você via que a bola já tinha passado. São adaptações que você fazia toda semana.

Além disso, Maria Esther tinha um talento que logo fez com que ela se destacasse, como alguém que os outros já observavam, alguém que aparentava ter um futuro promissor e também como ela mesmo foi percebendo com as suas vitórias. Maria Esther disse que desde quando iniciou o esporte, as pessoas a viam jogando e diziam que ela tinha chances de jogar bem.

Como foi apresentado na fala anterior, ela começou a vencer os torneios de simples de Wimbledon e Roland Garros na categoria “adultos”, não precisando passar pela etapa juvenil. Essa é outra característica do herói, o reconhecimento de um ser talentoso, que está preparado para ser desenvolvido, na verdade, é o que está “adormecido” em todos nós: “Então, quando eu comecei, assustou muito o pessoal. Ninguém estava acostumado com isso, era algo que eu sempre fazia, desde pequena, mas por instinto. O jeito que eu nasci para fazer as coisas.”

Em seguida, entre o limiar da separação e a iniciação, o herói precisa se afastar do seres mortais, para ir para o desconhecido, é o momento em que ela cria autonomia para se afastar da família, viajar nas férias para disputar torneios, hospedar-se em casa de desconhecidos, as casa de família, na qual ela possui amigos até hoje, é o momento em que Campbell diz que o herói joga-se no desconhecido.

Outrossim, a época em que Maria Esther jogou, era um momento diferente, como ela diz em entrevista. Havia mais dificuldade de locomoção, as distancias eram maiores, o tempo mais longo. Maria salienta:

Eu e o pessoal da minha época fomos os pioneiros de tudo isso, a gente jogava porque gostava, não que os de agora não gostam, mas não é tão valorizado como foi para nós porque realmente é difícil você conseguir. Estamos falando de 50 atrás., então viagem era difícil, as distâncias eram cobertas em muito mais tempo, quer dizer, era muito mais difícil, tudo.

Essa atitude apenas é possível se há um suporte familiar ou de algum ser humano, ou se o herói se afasta e segue a jornada de forma independente, contra o apoio das pessoas que estão próximas de si.

Quanto mais independente, adaptado socialmente e psiquicamente estiver o herói, haverá mais propulsão para o seu desenvolvimento. Isso implica que ele desenvolva um ego forte devido a pequenas colisões. Por isso, a importância dos jovens viajarem sozinhos, enfrentarem desafios, situações conflituosas, desde que não sejam traumáticas, para poderem amadurecer. E o atleta, perpassa com mais facilidade, por ser um pré-requisito do seu caminho.

Há torneios espalhados por todo mundo, eles precisam encontrar jogadores para treinar, formas de economizar nas viagens, fazer toda uma preparação para uma partida, o que acaba, por naturalidade, desenvolvendo uma maturidade.

Quando o herói inicia essa jornada, ele sofre uma metamorfose, serão diversas situações que fará com que ele aprenda.

Iniciação

Conforme apresentado na revisão bibliográfica, Campbell afirma que o herói percorre um caminho no qual deve sobreviver a uma sucessão de provas, para a sua superação ele é agraciado por conselhos, amuletos, agentes secretos ou poderes benignos que o auxiliam na sua trajetória.

Maria teve que vencer diversas batalhas para alcançar a visibilidade e o êxito que possui hoje. Apesar dela se mostrar uma pessoa independente,

definitivamente teve o incentivo de pessoas mais experientes, que já percorreram o caminho do herói no momento em que ela iniciou o caminho.

Pode-se dizer que todo o percurso foi sinuoso, ela acordava entre 3 e 4 horas da manhã para treinar e para mais tarde, em torno de 7 horas da manhã, ir à escola. Ela estudava em uma escola católica, de irmãs salesianas, onde ela precisava ter disciplina e ser aprovada nos testes da escola para continuar tendo a liberdade de praticar o seu esporte preferido:

Nessa época toda, eu nunca parei de estudar, mesmo porque se você me perguntar quando que eu comecei a jogar deve ter sido com dois, três anos fazendo parte do clube, tentando fazer tudo que eu gostava e estudando também. Eu estudei a minha vida inteira no Colégio Santa Inês, de irmãs salesianas, fiz desde o primeiro ano, até que me formei no mesmo colégio, nunca peguei segunda época, eu levava muito a sério, o estudo e o tênis.

Por mais que possa-se dizer que praticar o esporte para ela era um hobby e não uma obrigação, precisa-se de determinação para estudar e jogar, algo que para uma criança ou adolescente pode ser algo desgastante. Geralmente, uma criança que está na escola, tem outros desejos, como sair para passear, ficar com os amigos, ou ficar acordado até mais tarde assistindo à televisão:

Então, teve épocas que foi difícil porque eu gostava muito de assistir os torneios internacionais e isso era de noite, e eu levantava muito cedo, 3, 3 e meia da manhã para estudar e chegar na escola às sete. Eu não posso nem dizer que foi muito sacrifício, era pelo que eu gostava de fazer.

Observa-se que mesmo tendo desejos naturais de crianças da sua idade, como assistir televisão até tarde, era algo relacionado ao tênis, como assistir os torneios internacionais.

De modo geral, afastando-se razoavelmente do que Campbell diz, para Maria, manter a escola e o tênis como prioridades não era um sacrifício, como

pra algumas pessoas pode ser: “Para falar a verdade, não era nenhum desafio. O desafio era assim, você treinar sempre, chuva calor, a escola, quando tinha época de exames, tinha menos tempo, não que tivesse nada assim muito marcante.”

Mesmo na fase inicial dos torneios, a entrevista demonstrou que as vitórias aconteceram naturalmente, sendo até mais rápido do que a média de grandes esportistas:

Agora, profissional no sentido de que eu viajava o ano inteiro, então o começo da carreira foi esse, torneios, dois ou três juvenis, comecei a jogar super bem e fui direto para os torneios adultos. Eu nunca joguei o Wimbledon Juvenil, nem Roland Garros, nem nada, porque eu já estava vencendo no adultos.

Possivelmente, os maiores desafios, que Campbell diz que os heróis precisam enfrentar na sua jornada, foram os relacionamentos a quantidade dos jogos de tênis por dia, a separação da família para disputar os torneios internacionais, a dificuldade para ser convidada a disputar os torneios e a dificuldade de viajar. Esses últimos dois itens eram mais comuns antigamente, hoje vê-se um facilidade maior, mesmo que ainda não esteja solucionado.

Maria, comentou como era a logística para ser convidado para disputar o próximo torneio:

O mais importante, o começo, grande assim, foi quando eu fui para Europa pela primeira vez, em 1958, e aí ganhei o torneio de simples da Itália, que era um dos mais importantes. E daí as coisas foram melhorando, mais entrevistas, mais coisas e mais convites para jogar, não existia um ranking. Tinha que ganhar em uma semana para ser convidado para a semana seguinte. Então, quer dizer, era bastante pressão também. Agora você joga pelo número 1, mas já tem tudo garantido, antes não, dependia da performance, como você conseguia fazer uma semana você ia para a próxima, era convidado para a outra semana.

Então, isso são situações que ela encontrava no cotidiano, que precisa de uma superação diária. O tênis era um esporte pouco explorado no Brasil, em que ela teve que ir além das expectativas do seu país. São conquistas pequenas e grandes que fazem com que seja o trajeto de um herói, que aprende a vencer e acumular forças e conhecimento para a próxima batalha.

O sacrifício principal é afastar-se da sua sociedade para batalhar sozinho pela sua pátria. Maria, jogava pelo seu país. Quando estava nos torneios profissionais, indiretamente era uma brasileira que lutava pelo seu país. Em relação a essa afirmação ela diz:

Mas nessa época toda, em que eu comecei a jogar e tudo, era muito difícil, porque eu tinha 14/15 anos e viajava sozinha, saí do Brasil sozinha, tanto de pessoas comigo, não tinha ninguém, não é como agora que você tem equipes e pessoas responsáveis por você lá fora, que você viaja com tudo acertado. Eu mesma fazia os meus programas, eu mesma acertava onde ia jogar, o que era melhor, como treinar, com quem fazer, coisa assim, nesse sentido.

Ademais das vitórias, o herói precisa saber se erguer com as derrotas, desde que essa não seja definitiva, pode ser o momento em que ele recolherá forças para entender o que precisa ser melhorado para seguir adiante:

Das derrotas, acho que você chegar na final de um torneio, é muito bom, super bom, é o que todo mundo quer. Mas aí chegar até lá e perder? (...) Com as vitórias você já ganhou, acabou, vai festejar e acabou. Quando você perde, você fica pensando no que você fez errado, porque que aconteceu, não é uma coisa muito boa, mas no fundo no fundo, ajuda.

Nessa citação, fica claro a consciência que ela possui da importância das suas derrotas. O tênis é um esporte que além de treino técnico e físico, precisa-se de concentração, autoconfiança e estratégia. Uma derrota, faz com que o atleta reveja em qual ponto ele precisa melhorar, se é a parte técnica, ou seja, mais horas de treino em uma quadra. Se é a parte física, potencializar os exercícios na academia, ou a parte mental, que é preparar-se antes do jogar,

fazer um trabalho de concentração e aquecimento. Quando o atleta percebe qual o seu ponto fraco, o “Calcanhar de Aquiles” ele pode investir nesse lack. O mesmo ocorre com o herói que se derrotado, vai refletir em como vencer o adversário.

É importante que o herói seja humilde, não apenas para obter conselhos mas também para ser admirado e reconhecido.

Maria, valorizou as suas vitórias desde o começo, não colocando o foco no ego, mas na meta. Teve a mesma satisfação de quando ganhou um torneio juvenil de pequeno porte, ou um sênior internacional:

(...)tanto faz vencer um torneio infanto-juvenil aqui como depois você ganhar um grande, a sensação é praticamente a mesma. Para ganhar qualquer torneio você precisa ganhar no mínimo 7 jogos seguidos. Então a primeira “tacinha” que eu recebi, que é minúscula, você olha essa “tacinha” e fala; Poxa, tanto esforço para isso. Mas naquela época, naquela ocasião, era o mais importante da minha vida, era justamente fazer isso.

A humildade para ela era essencial também porque ela precisava criar bons relacionamentos com os seus adversários, já que eles que iriam ser os seus parceiros de treino.

Campbell ainda relatou que o herói precisa da figura masculina além da figura feminina. É a figura masculina que auxiliará o herói no seu desenvolvimento de forma mais ampla e a forma como se portar no mundo. Se o herói não seguir os conselhos de seu pai e a sua posição ética, ele viverá em meio ao caos.

Existiu um momento crucial na carreira de Maria Esther, que a sua formação escolar poderia ter sido interrompida se não fosse a sabedoria do seu pai, sua figura masculina, que a aconselhou a não abandonar a escola para jogar tênis, algo comum a atualidade:

Nessa época foi difícil, porque, por mim, eu teria ficado jogando e não teria terminado a escola. Então, meu pai sempre falou que eu deveria terminar a

escola, ter um diploma e depois você seguiria a vida inteira jogando. O sentimento na hora era; não posso parar agora. Porém, lógico que ele tinha razão e foi muito bom, deu tudo certo.

Sabe-se que um indivíduo que não conclui o ensino médio, perde uma parte importante do seu desenvolvimento. Outrossim, é um momento em que o indivíduo deve estar em contato com um meio social que possua regras, atividades e aprendizagem.

E por último, nessa fase de iniciação, o que ficou claro na entrevista de Maria foram as dificuldades que ela enfrentou por volta de 1960, que hoje já foram solucionadas. Algumas foram citadas anteriormente, como as viagens, distancias mais longas e menor visibilidade. No entanto, há outras como o material esportivo, raquetes e roupa de tênis, que não se obtinha com tanta facilidade como é hoje para os melhores classificados no tênis internacional:

(...) É, tinha que ter um cuidado fantástico. Quando já estava no auge, a gente ganhava , no máximo.... no máximo, 8 raquetes por ano. Agora, qualquer um tem 8 raquetes por jogo. Exemplo do Borg (um tenista profissional) que viajava com 81 raquetes... (...)A mesma coisa com as roupas de tênis, que não era como agora, as grandes marcas, os grandes fabricantes que distribuem uma quantidade fantástica de roupas.

Em resumo, era mais um empecilho que Maria precisava de responsabilidade para se adaptar. Nada adianta um atleta estar treinado, preparado para disputar o torneio, se ele não tiver o material. A mesma semelhança ocorre com o herói que precisa das suas ferramentas para lutar e do cuidado para conservá-las. Para quem está de fora, parece algo óbvio, mas é mais um desafio para o herói.

Retorno

Infelizmente, Maria, teve que finalizar a sua carreira esportiva de forma inesperada, devido a uma lesão. Isso foi condicionado por um desgaste físico proveniente dos esforços de treinos e torneios ao longo de suas conquistas. Ela foi além de seus limites, cometendo uma húbris, ou seja, recebeu castigo dos deuses, na qual foi além dos seus esforços (Wikipédia, 2014). De qualquer modo, de uma forma ou outra, ela não iria permanecer no auge durante toda a sua vida, visto que atletas de alta performance, começam a não ter o mesmo desempenho após determinadas idades, é o que leva a aposentadoria, como é o caso do Pelé, maior jogador de futebol do Brasil, se não do mundo.

Antes de Maria aceitar a sua lesão e encerrar a sua carreira profissional, ela viajou durante 7 anos pelo mundo com a esperança de que a lesão se curasse. Ela chegou a retornar aos torneios de alto padrão, mas só possuía 50% de capacidade total de movimentação do braço. Mesmo assim, chegou a mais de uma semi-final, o que, segundo ela, foi importante, mas para quem já havia ganhado 9 vezes o mesmo torneio, esse não era um resultado expressivo.

Sobre essa finalização precipitada da carreira, Maria afirma: “Tive que encerrar em uma nota muito triste, não porque eu quis, mas porque não deu mesmo”. Visto que o principal motivo dessa lesão, excluindo o desgaste, é a época em que ela viveu. Antes não havia toda uma equipe multidisciplinar que fazia um atendimento de prevenção como há atualmente. Maria, relata:

Não foi uma aposentadoria porque eu quis, foi porque eu joguei demais, fiz coisa demais, não tinha todos os recursos que a gente tem hoje com a medicina esportiva, com as facilidades que você tem, antes, durante e depois dos jogos. Todos tem o seu próprio fisioterapeuta, tem um lugar para se recuperar, quem ganhou muito como o Djokovic, compra máquinas de 100 mil dólares, que são as máquinas mais modernas para você se recuperar depois dos jogos, se recuperar. Então, o meu foi na raça e na vontade e todos que jogaram na minha época. Não é que eu fui uma exceção, é que naquela época não existia mesmo, nem uma simples massagem era possível.

Em sua entrevista, Maria comentou que quando disputou o torneio de Wimbledon, muitos jogos atrasaram devido a chuva, então eles ficaram acumulados para serem disputados seguidamente. Com isso, ela teve que jogar 122 games seguidos, número que se lembra até hoje com exatidão. Para explicar de forma sucinta a quantidade que é isso, basta pensar que em um jogo de tênis, quando melhor de 3 sets, joga-se em média, 24 games, considerando um jogo disputado, mas que não precisou de um terceiro set para decidir quem é o vencedor. Assim, um jogo tem em média 2hrs de duração, o que faz com que 122 games em um dia, seja uma quantidade abusiva.

Atualmente, há regras que impedem esse desgaste do jogador, mas antes, Maria comentou que esse “abuso” poderia ter sido evitado se tivesse alguém do seu lado para impedir para dizer que o corpo dela não ia agüentar, que ela estava passando dos limites. Cabe pensar na hipótese, de que a figura de um mestre, que faltou-lhe no início da sua trajetória, pode ter influenciado na sua lesão. Apesar dela ter tido apoio da sua família e a companhia do seu irmão, devido a questões de custo, logística e cultura da época, não havia nenhum mestre para lhe aconselhar constantemente, deixando esses conselhos a mercê do acaso.

Essa despedida é sempre difícil para o herói, até porque ele irá retornar para “um mundo” que ele havia se afastado, em que as pessoas que não percorreram o mesmo caminho, não sabem qual é a sensação de quem percorreu. Portanto, há dois lutos, o primeiro é de não viver esse cotidiano do ambiente esportivo no âmbito dos torneios, e o segundo é de não poder compartilhar o sentimento que teve quando obteve um vitória importante, por exemplo.

Porém, a astúcia do herói, é transitar entre esses dois mundos, trazendo todos os ensinamentos como uma bagagem para outros desafios e para ensinar futuros heróis.

Após a finalização da carreira esportiva profissional, Maria, continuou presente no meio esportivo. Ela realizou clínicas de tênis, demonstrações, exibições, continuou jogando tênis, mas não de modo competitivo.

Vale ressaltar, que a visão que a Maria possui de sua jornada, embora ter sido frustrante nesse momento final, é uma imagem positiva, ela resume o seu trajeto com as seguintes palavras: “Olha, foi fantástica! Super legal. Era exatamente o que eu queria, o que eu precisava fazer. Precisava, assim em termos, o que eu me propus a fazer, que era jogar bastante, jogar bem, ou o melhor que eu pudesse.”

A tenista nunca abandonou o tênis, trabalhou toda a sua vida com o esporte e nunca pensou e realizar outra atividade. Ela trabalha como comentarista em alguns dos maiores torneios de tênis do mundo e nas Olimpíadas, ainda ensina jovens atletas a partir de clínicas de tênis, realiza exibições internacionais e joga tênis pela manhã na Sociedade Harmonia de Tênis. Assim como o início, parece que é algo natural para ela. Em resposta a questão se ela já pensou em não seguir com o tênis, Maria comenta:

Não. Eu sempre quis e continuo. Agora to fazendo parte das transmissões de tênis, aqui no Brasil e fora. Isso é muito bom porque, de uma maneira ou de outra, eu sigo com as mesmas motivações, vendo o pessoal bom jogando, podendo comentar, e passando um pouco da minha história pras pessoas. A televisão é o que tem de melhor né, eu consegui fazer duas Olimpíadas, uma delas é a de Londres, do ano passado, e fiz não só a parte de tênis, mas de todos os outros esportes. Foi uma coisa fantástica, você poder participar dos momentos dos maiores atletas do mundo, nas suas especialidades, entrar em contato com eles. Isso é que me faz continuar nesse trabalho.

Esse reconhecimento que ela possui hoje, certamente deu-se pelas suas conquistas e pelo seu talento. Afinal, para ser comentarista das Olimpíadas, só alguém que já vivenciou momentos similares. Essa é a “bagagem” que o herói traz da sua experiência e transmite tanto para leigos como também para atletas.

Ainda é uma forma dela se atualizar e observar as mudanças que vão ocorrendo no esporte. O herói deve saber que os perigos que ele enfrentou não serão os mesmos que outros encontrarão, mesmo que siga princípios similares. As regras mudam, o incentivo ao esporte, a facilidade de locomoção, os torneios, enfim, se o atleta não manter-se atualizado será mais difícil para ele entender os atletas que estão iniciando a sua carreira. Talvez, seja um dos motivos que Maria compara constantemente a época em que jogava com os dias atuais, até porque, de modo geral, antes havia menos reconhecimento e incentivo do que há hoje.

Por último, para finalizar o ciclo do monomito, o herói deve voltar para a sua comunidade e comunicar as suas conquistas, ou trazer o que Campbell denominou de “A Princesa Adormecida”. É interessante recordar, ainda que distanciando-se do foco do trabalho, que os jogos de vídeo-game mais conhecidos, como o Super Mario, tem como objetivo salvar a princesa do Castelo, ou seja, a fase final do herói.

É dever do herói, passar para os iniciantes e agregar sabedoria a seu reino a experiência que obteve no seu ciclo. Alguns deixam de repassar a sua história, por estarem cansados ou por não saberem como passar tamanha experiência. Quando isso não ocorre, o herói possivelmente perde a sua admiração e o reconhecimento daquilo que conquistou, e, reciprocamente, o povo perde ensinamentos valiosos.

É importante para a nação ter uma figura heróica, de admiração. Figuras heróicas estão em extinção atualmente, por isso cabe colocar uma crítica e entender porque figuras que nada possuem de “rico”, mas tornam-se famosas pelas formas do seu corpo ou pelo linguajar chulo.

Após as vitórias de Maria, poucos tenistas ganharam reconhecimento internacional. Desse modo, Maria ressalta que a história do tênis no Brasil não tem muita tradição e nem é muito difundida, assim a mídia é uma forma dela expressar a sua história. Isso, assemelhando-se ao que Campbell diz sobre a terceira fase do monomito do herói, é a transmissão da experiência para a sua nação.

Segundo Maria, as pessoas se interessam em saber como foi a vida dela, o que ela fez ou deixou de fazer, então é importante responder essas questões. Há toda uma estrada pavimentada para os que vieram agora. Maria ressalta:

E é bom que as pessoas saibam que aqui teve gente que fez muita coisa no começo, há muitos anos, bem no começo. Mais ou menos pavimentando uma estrada para os que vieram agora porque nunca foi sempre assim. Teve que começar de um jeito para ficar como está agora. Eu e o pessoal da minha época fomos os pioneiros de tudo isso, a gente jogava porque gostava, não que os de agora não gostam, mas não é tão valorizado como foi para nós porque realmente é difícil você conseguir. Estamos falando de 50 atrás., então viagem era difícil, as distâncias eram cobertas em muito mais tempo, quer dizer, era muito mais difícil, tudo. E que você valoriza, isso que é importante passar para os jovens. Nada cai do céu, você tem que trabalhar muito.

O motivo de um esporte tornar-se mais ou menos conhecido em uma país dá-se pela tradição no esporte. Por exemplo, o futebol. Possivelmente, se não tivéssemos tido tantas vitórias em Copa do Mundo, o futebol não seria uma esporte tão valorizado como é hoje. Assim, quando Maria comenta da pavimentação de uma estrada, pode-se criar uma hipótese de que ela e outros pioneiros que fortaleceram a cultura do tênis. E mais do que a cultura, é mostrar para os jovens qual exemplo seguir, quais torneios jogar, como treinar, saber superar derrotas e etc. E, Maria, utiliza-se da mídia para isso.

Para um jovem atleta, ver o profissional que teve êxito na sua carreira, de qualquer forma que seja, é motivador.

Para finalizar a análise, vale frisar que Maria Esther ao final da entrevista comentou que repassar a sua história para a sociedade é essencial, e que inclusive ao dar essa entrevista, era uma forma de passar conhecimento. Particularmente, eu como ex atleta, e autora desse trabalho, só tenho a ressaltar que são essas atitudes que fazem com que o esporte se dissemine de forma positiva, e o que dá mais motivação para finalizar esse trabalho da melhor forma possível.

Considerações Finais

O objetivo principal desse estudo foi em identificar as aproximações da trajetória do herói nas fases de separação, iniciação e retorno com a trajetória da tenista Maria Esther Bueno.

Pode-se avaliar que foram observadas aproximações entre as três fases a partir da entrevista com a tenista.

Na fase de separação, foi identificado como se deu o chamado a jornada do herói, a naturalidade dessa convocação, o afastamento do seu habitat natural, as conseqüências da ausência de um mestre na sua jornada, mesmo podendo identificar figuras essenciais para a sua prática esportiva (proveniente da família), o seu destaque desde o início, a “entrega” ao desconhecido provocando também o fortalecimento do ego.

Na próxima fase, iniciação, outras relações puderam ser feitas com a declaração da tenista como: a superação da diversidade de provas (cada uma com seu grau distinto de dificuldade), a necessidade de manter notas acima da média e ao mesmo tempo treinar e viajar para disputar os torneios, o distanciamento da família para disputar torneios internacionais, a superação diária, a solidão do herói, a necessidade de ser valorizado, aprendizagem com as derrotas, a ética e a humildade, e a importância das figuras masculinas e femininas.

Por último, na fase do retorno, Maria vivenciou: a difícil despedida do herói, a necessidade de repassar o conhecimento adiante, aprender a transitar entre os dois mundos e não desmotivar-se com o retorno, e as atividades que ela executa atualmente que estão relacionadas com o tênis.

Dentre esse objetivo geral estão os objetivos específicos que também pode-se dizer que foram alcançados: aproximações do mito do herói com os percalços da vida esportiva e perceber como as vitórias e derrotas expressam vivências da ordem heróica. Foi observado a facilidade com que as vitórias foram surgindo devido a paixão pelo esporte e a dedicação da tenista. E

também, a aprendizagem que ela obteve com as derrotas, que apesar de marcantes foram essenciais.

Portanto, esse trabalho atingiu as expectativas iniciais, sugerindo observar as aproximações do arquétipo de herói em outras modalidades e em outros atletas.

Vale ressaltar o meu sentimento ao realizar esse trabalho. Dediquei-me muitos anos por esse esporte, abdiquei de festas, comemorações, reuniões com amigos em plena adolescência. Observei meu pai sofrer na arquibancada, dedicar mais do que 50% de seus finais de semana inteiros para me acompanhar nos torneios, para chorar, rir, me dar conselhos e broncas que hoje vejo como essenciais. Vi minha mãe se preocupar com a minha saúde, o desgaste do meu corpo, minha dedicação, além de torcer comigo. Observei minha irmã reclamar da minha ausência, pela repetição do tema tênis, por me incentivar a iniciar o esporte e por torcer por mim. Joguei com dor, com febre, chorei na quadra de tênis, fiz amizades que contemplo até hoje, dediquei férias, feriados, troquei amigos para estar lá. Vi meus treinadores jogando e torcendo comigo. Mobilizei e fui mobilizada por cada figura que me auxiliou, mesmo aquele ser desconhecido que me ofereceu um gatorade em troca de uma dedicação pela camisa do meu clube. No entanto, sei que esses elementos foram essenciais para formar a pessoa que eu sou hoje, a mesma que se dedicou por esse trabalho e quem escreveu essas palavras tomada pela emoção.

Não foi apenas a Maria Esther quem foi minha figura heróica, de inspiração, mas foram um conjunto de heróis: pai, mãe, irmã, treinadores, preparadores físicos, fisioterapeutas, amigos e professores.

Definitivamente, esse tema faz parte de mim. A Maria Esther despertou as minhas vivências do esporte, assim como também espero que esse trabalho tenha despertado nela. O herói não é apenas aquela figura distante em que as pessoas se espalham, é aquela figura que está em cada um de si. Precisa-se apenas de um impulso inicial.

O esporte forma uma pessoa, faz com que ela tenha um maior autoconhecimento sobre si, maior dedicação, responsabilidade e disciplina. Faltam profissionais para trabalharem nessa área, assim como falta incentivo para que eles possam trabalhar. O custo de um esporte como o tênis é alto por si só, contratar um profissional encarece mais ainda. É por isso que precisa-se de mais patrocínios, valorizações, estudo.

Poucos são os atletas reconhecidos, apenas aqueles que conquistam relevância social. De fato, o incentivo ao esporte está crescendo, ano de Copa do Mundo e futuramente de Olimpíadas. Receio questionar se são valores econômicos, políticos ou sociais. Obviamente, os três pontos predominam, mas o lado social deve-se sobressair.

Sugiro novas pesquisas na área, não apenas relacionados ao mito do herói, mas a outros conceitos da Teoria Análítica e de outras áreas da Psicologia.

Reafirmo a minha satisfação em realizar essa pesquisa e em como almejo que profissionais da área tenham a mesma satisfação.

Agradeço a participação da Maria Esther, essencial para essa pesquisa, dos professores que me auxiliaram e da participação mesmo que indireta de pessoas mais próximas do meu convívio.

Referências

BONI, V.; QUARESMA, S. J.; Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. *Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC*, vol Vol. 2 nº 1 (3), janeiro-julho/2005, p. 68-80

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. São Paulo: Cultrix, 1997.

GRAMASCO, I. A. **Despertando o arquétipo do herói: uma proposta de utilização psicoterapêutica do mito “Os doze trabalhos de Hercules” com pré-adolescentes e adolescentes**. São Paulo, 2004. 88fls. Monografia- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,

HALL, J. **Jung e a interpretação dos sonhos-** Manual de Teoria e Prática. São Paulo: Cultrix, 2007.

MULLER, L. **O herói, todos nós nascemos para ser heróis**, São Paulo: Cultrix, 1997.

PENNA, E. M. D. **Epistemologia e método na obra de C. G. Jung**. São Paulo: EDUC, 2013.

RODRÍGUEZ, G. M.; LUCAS, J. M.; ALONSO, J. L. N. Perfil de personalidad del tenista. *Revista de Psicología del Deporte*. Barcelona, vol. 9, n. 1-2, p. 21-36, 2000.

SAMULSKI, D. **Psicologia do Esporte**. São Paulo: Manole, 2002.

SILVA, A. M. F. **O Atleta Heróico: uma visão arquetípica da carreira esportiva**. São Paulo, 2002. 42f. Trabalho de Conclusão de Curso- Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Site Celebrity Tennis.

Disponível em: <http://www.mariabueno.org/Maria's%20Lifestory.htm>

Acesso em: 15 março de 2013

Site Gazeta Esportiva.

Disponível em: <http://www.gazetaesportiva.net/noticia/2013/02/tenis/triste-bellucci-ve-desvalorizacao-e-critica-mentalidade-da-torcida.html>

Acesso em: 15 março de 2013

Site Gazeta Esportiva.

Disponível em: <http://gazetaesportiva.net/noticia/2013/02/mais-esportes/eliminado-bellucci-cita-nervosismo-e-lamenta-nada-deu-certo-hoje.html>

STEIN, M. **Jung e o mapa da alma**. São Paulo: Cultrix, 2006.

Anexos

Entrevista realizada com a tenista brasileira Maria Esther Bueno

Data: 09/01/14

(Entrevistadora)- Alguém te incentivou a iniciar as aulas de tênis?

(Maria Esther Bueno)- Quanto a parte do incentivo, eu sempre gostei de jogar, eu sempre gostei de esporte, meus pais eram todos esportistas. Meu pai era remador, tenista. Minha mãe também nadava, jogava vôlei, então, quer dizer... E tem o Pedro meu irmão que foi um grande tenista também. Portanto, eu tinha o incentivo deles, mas sem obrigação nenhuma. Isso eu acho que foi super importante, eles me deixaram a vontade e a gente, eu e o Pedro, jogamos tênis o tempo inteiro, fizemos natação, vários esportes porque a gente gostava e porque praticamente o clube era o nosso quintal de casa, eu ficava lá o dia inteiro e realmente aproveitei bastante.

(Entrevistadora)- Como foi conciliar o estudo, os treinos e os torneios de tênis?

(Maria Esther Bueno)- Nessa época toda, eu nunca parei de estudar, mesmo porque se você me perguntar quando que eu comecei a jogar deve ter sido com dois, três anos fazendo parte do clube, tentando fazer tudo que eu gostava e estudando também. Eu estudei a minha vida inteira no Colégio Santa Inês, de irmãs salesianas, fiz desde o primeiro ano, até que me formei no mesmo colégio, nunca peguei segunda época, eu levava muito a sério, o estudo e o tênis. Quer dizer, eu fazia todo esse esporte, mas meu pai sempre me disse que era muito importante terminar a escola, o colégio, porque eu comecei a viajar antes da

formatura e uma vez que você sai assim, é difícil voltar, mas ele insistiu que eu voltasse, terminasse e me formasse que eu teria o resto da vida para jogar.

Então, teve épocas que foi difícil porque eu gostava muito de assistir os torneios internacionais e isso era de noite, e eu levantava muito cedo, 3, 3 e meia da manhã para estudar e chegar na escola às sete. Eu não posso nem dizer que foi muito sacrifício, era pelo que eu gostava de fazer.

(Entrevistadora)- Quais eram as suas expectativas quando iniciou o esporte?

(Maria Esther Bueno)- Agora, quanto as expectativas, eu nunca coloquei uma meta em nada, foi assim fazendo aos poucos o que eu gostava, comecei aqui em São Paulo, na capital, jogava todos os torneios possíveis, imagináveis, em todos os clubes, sem meta. Isso foi evoluindo assim gradativamente, ai ganhava os torneios do Estado, ganhava interclubes, , torneios brasileiros, depois fui para sul-americanos, vários anos até que eu fui para Europa e comecei a ganhar os torneios por lá. Teve uma época em que eu também sai e fui disputar torneio juvenil nos Estados Unidos, mas voltei para terminar a escola e um outro que eu estiquei um pouco mais. Antigamente, eram três meses de férias, então eu aproveitava para ir jogar e voltava mas sempre tentando dar o melhor possível nas duas coisas.

(Entrevistadora)- E o maior desafio qual foi no começo?

(Maria Esther Bueno)- - Nessa época?

(Entrevistadora)- É.

(Maria Esther Bueno)- Para falar a verdade, não era nenhum desafio. O desafio era assim, você treinar sempre, chuva calor, a escola, quando tinha época de exames, tinha menos tempo, não que tivesse nada assim muito marcante.

(Entrevistadora)- Você consegue separar a sua carreira esportiva em fases?

(Maria Esther Bueno)- Separar a carreira esportiva, bom é o seguinte. Desde pequena quando eu jogava esses torneios, todas as pessoas que me viam jogar, achavam que eu tinha muitas chances de jogar bem, jogar bastante, então foi assim... A vida profissional, profissional mesmo, eu nem cheguei a pegar, pra falar a verdade, porque os torneios nessa época eram amadores. Agora, profissional no sentido de que eu viajava o ano inteiro, então o começo da carreira foi esse, torneios, dois ou três juvenis, comecei a jogar super bem e fui direto para os torneios adultos. Eu nunca joguei o Wimbledon Juvenil, nem Roland Garros, nem nada, porque eu já estava vencendo no adultos. Aqui começou cedo, com 14 anos eu havia ganhado o torneio brasileiro infanto-juvenil até 14 anos, em julho, e em setembro eu ganhei o campeonato brasileiro, nacional, de adultos. Quer dizer que isso foi indo assim...

(Entrevistadora)- Espontaneamente?

(Maria Esther Bueno)- Isso, desde pequena.

(Entrevistadora)- Como você classifica a vida profissional levando em conta o seu interesse no esporte até a sua retirada dos torneios profissionais?

(Maria Esther Bueno)- Pois é. Profissional mesmo, o tênis só ficou em 1968. Até essa data, tinham todos os torneios que tem até hoje, só que não tinha nenhuma remuneração financeira. Nós tínhamos feito, muitos desses torneios eram todos amadores, então a gente jogava mais pelo fato de você querer jogar, de gostar de jogar, de ser considerado a melhor do mundo nessa época, sem premiação. Realmente, você jogava pela glória de vencer os torneios, tanto os pequenos como os grandes né.

(Entrevistadora)- Mas se você pudesse resumir como foi essa trajetória toda, como seria?

(Maria Esther Bueno)- Olha, foi fantástica! Super legal. Era exatamente o que eu queria, o que eu precisava fazer. Precisava, assim em termos, o que eu me propus a fazer, que era jogar bastante, jogar bem, ou o melhor que eu pudesse. Mas nessa época toda, em que eu comecei a jogar e tudo, era muito difícil, porque eu tinha 14/15 anos e viajava sozinha, saí do Brasil sozinha, tanto de pessoas comigo, não tinha ninguém, não é como agora que você tem equipes e pessoas responsáveis por você lá fora, que você viaja com tudo acertado. Eu mesma fazia os meus programas, eu mesma acertava onde ia jogar, o que era melhor, como treinar, com quem fazer, coisa assim, nesse sentido. Agora, as pessoas que organizavam os torneios, logicamente tentavam ajudar, tomavam conta mais ou menos, ficava em casa de família, então fiz muitos muitos amigos esse tempo todo no circuito todo e que eu tenho muitos deles até hoje. São meus amigos, as mesmas casas, eu conheci os pais, aí passou para os filhos, dos filhos para os netos, continua na mesma família. Isso foi muito bom.

(Entrevistadora)- Como foram as suas primeiras vitórias e como você se sentiu?

(Maria Esther Bueno)- Agora, as primeiras vitórias, é difícil a gente separar assim porque tanto faz vencer um torneio infanto-juvenil aqui como depois você ganhar um grande, a sensação é praticamente a mesma. Para ganhar qualquer torneio você precisa ganhar no mínimo 7 jogos seguidos. Então a primeira “tacinha” que eu recebi, que é minúscula, você olha essa “tacinha” e fala; Poxa, tanto esforço para isso. Mas naquela época, naquela ocasião, era o mais importante da minha vida, era justamente fazer isso.

(Entrevistadora)- E nesse momento ainda tinha uma pessoa que ficava te incentivando mais?

(Maria Esther Bueno)- A minha família sempre foi assim, nunca teve cobrança, tanto dos meus pais quanto do meu irmão Pedro, que foi o que mais me apoiou e que mais tarde a gente viajou juntos, jogávamos os torneios juntos. Quer dizer, quando eu voltava para cá e a mídia não é como é agora, por isso meu pai colecionava todos os meus resultados. Foi sempre um incentivo muito grande da parte deles, mas sem cobrança. Atualmente você vê os pais que querem se realizar através dos filhos e não são todas as crianças que vão virar um Nadal, um Federer, uma coisa assim. Portanto, é muito importante essa parte dos pais também porque quanto mais você se vê numa situação de terror, que você tem ganhar, que você tem que fazer, aí menos você irá produzir.

(Entrevistadora)- Quais foram as suas vitórias mais marcantes?

(Maria Esther Bueno)- O mais importante, o começo, grande assim, foi quando eu fui para Europa pela primeira vez, em 1958, e aí ganhei o torneio de simples da Itália, que era um dos mais importantes. E daí as coisas foram melhorando, mais entrevistas, mais coisas e mais convites para jogar, não existia um ranking. Tinha que ganhar em uma semana para ser convidado para a semana seguinte. Então, quer dizer, era bastante pressão também. Agora você joga pelo número 1, mas já tem tudo garantido, antes não, dependia da performance, como você conseguia fazer uma semana você ia para a próxima, era convidado para a outra semana. Não tinha muito o que fazer, então essa vitória no primeiro ano que eu fui para a Europa foi importantíssima, eu já tinha ido para os Estados Unidos antes, disputei 15 torneios, ganhei 14, não eram metas, eram coisas que você via que eu ia fazer mesmo e que tinha que fazer. Depois do circuito americano foi o circuito europeu. Em seguida, nesse mesmo ano, eu ganhei a dupla em Wimbledon, aí já foi um salto muito grande para a minha carreira. Eu fiquei fora praticamente um ano seguido, todos os dias, e nessa época a gente jogava simples, dupla e dupla mista, as três provas, algo que não acontece hoje.

Essas provas eram muito importantes porque tinha a participação dos melhores do mundo. Então, se você era o número 1 em dupla, era porque você

era o número 1 do mundo mesmo, os melhores jogadores assim como na simples e na dupla mista, não era tão separado, como era agora.

(Entrevistadora)- Quais foram as derrotas mais marcantes e por quê?

(Maria Esther Bueno)- Das derrotas, acho que você chegar na final de um torneio, é muito bom, super bom, é o que todo mundo quer. Mas aí chegar até lá e perder? Eu tenho duas derrotas em simples em Wimbledon que deixa a pessoa bem chateada porque você chegou até lá, jogou bem até nesse ponto e chegou lá, no último dia, no último jogo e não deu certo. Mas também é bom, porque você aprende mais com as derrotas do que com as vitórias.

Com as vitórias você já ganhou, acabou, vai festejar e acabou. Quando você perde, você fica pensando no que você fez errado, porque que aconteceu, não é uma coisa muito boa, mas no fundo no fundo, ajuda.

(Entrevistadora)- Havia alguma pessoa que te incentivava positivamente na disputa dos torneios?

(Maria Esther Bueno)- Quem me incentivava positivamente era a minha família, os meus amigos, que sabiam das dificuldades que a gente tinha pra jogar, pra viajar, e nunca teve ninguém que falasse: Chega, tá bom, não vai, não vale a pena, era sempre pra mais e pra melhor.

(Entrevistadora)- Mas você não teve nenhum treinador?

(Maria Esther Bueno)- Nada, nunca tive. Nem treinador, nem acompanhante, nem professor de ginástica, nada. O negócio era jogar o máximo possível de provas e o treinamento era esse, você fazer 21 jogos por semana. Toda semana, 30/35 semanas, sei lá, tudo seguido.

(Entrevistadora)- Mas você treinava o Pedro e o Pedro te treinava, era esse o treino de vocês?

(Maria Esther Bueno)- Aqui no Brasil, a gente jogava juntos, jogava com todas as pessoas que estavam aqui e lá fora. A gente treinava com os próprios que disputavam os torneios, porque agora você tem o seu próprio treinador, não tem que se preocupar com isso, e antes tinha. Eu treinava sempre com os melhores jogadores do circuito masculino, os outros campeões, todos gostavam de treinar comigo e você tinha que ter uma outra motivação social com os que jogavam contra você. Era gente que estava no mesmo barco e tinha que fazer a mesma coisa, então a gente jogava. Atualmente, um jogador vive em função dele mesmo, tem uma equipe de nutricionista, fisioterapeuta, tudo, então é outra coisa.

(Entrevistadora)- Você costumava cuidar do seu material?

(Maria Esther Bueno)- Você diz das raquetes, das roupas?

(Entrevistadora)- Sim. Se tinha um cuidado específico.

(Maria Esther Bueno)- É, tinha que ter um cuidado fantástico. Quando já estava no auge, a gente ganhava , no máximo.... no máximo, 8 raquetes por ano. Agora, qualquer um tem 8 raquetes por jogo. Exemplo do Borg (um tenista profissional) que viajava com 81 raquetes... E a gente, quando já tinha ganho Wimbledon, essa coisa toda, já tinha mais mordomia, as vezes tinha 8 raquetes por ano. Então, você precisa cuidar bem, não pode quebrar as raquetes a toa, tem que dar valor para o que você tem.

A mesma coisa com as roupas de tênis, que não era como agora, as grandes marcas, os grandes fabricantes que distribuem uma quantidade fantástica de roupas.

A gente tinha tudo certinho, medido, tinha que cuidar, lavar passar, mesmo porque não tinha mordomia nenhuma.

(Entrevistadora)- Maria Esther, voltando um pouco, você comentou que nunca teve treinador, nada, então como você aprendeu os golpes?

(Maria Esther Bueno)- Eu gostava muito e via as pessoas que eu achava que jogava bonita para tentar fazer igual. Assim eu copiava o estilo de um hoje, do outro amanhã. Por exemplo, aqui as quadras de saibro que tem na América do Sul, no Brasil, são bem mais lentas do que quadra de grama e de cimento. Então, tinha que fazer alterações no jogo, porque se você fosse fazer um movimento muito grande na grama, você via que a bola já tinha passado. São adaptações que você fazia toda semana.

(Entrevistadora)- Mas tinha alguma pessoa em especial que você se espelhava?

(Maria Esther Bueno)- Não... não. Eram os que estavam jogando e você tinha que se virar, porque ou você faz isso ou não vai acertar. Era assim. No meu caso sempre foi muito natural, sempre joguei por instinto, não por insisto, mas por talento. Foi uma coisa totalmente natural que ninguém me ensinou. E o meu jogo era diferente, eu sacava, voleiava, um jogo agressivo praquela época. Então, quando eu comecei, assustou muito o pessoal. Ninguém estava acostumado com isso, era algo que eu sempre fazia, desde pequena, mas por instinto. O jeito que eu nasci para fazer as coisas.

(Maria Esther Bueno)- Acho que dessas questões, já respondemos todas, não é?

(Entrevistadora)- Sim, só faltou você falar do sentimento que ficou depois que você começou a perceber que estava tendo resultados positivos, com essas vitórias todas.

(Maria Esther Bueno)- Nessa época foi difícil, porque, por mim, eu teria ficado jogando e não teria terminado a escola. Então, meu pai sempre falou que eu deveria terminar a escola, ter um diploma e depois você seguiria a vida inteira jogando. O sentimento na hora era; não posso parar agora. Porém, lógico que ele tinha razão e foi muito bom, deu tudo certo.

(Entrevistadora)- Quais os objetivos que você atingiu e quais foram frustrados?

(Maria Esther Bueno)- Os objetivos acho que eu consegui todos. Primeiro, porque eu não tinha colocado metas. Eu ganhei 19 Grand Slam, é um monte. Não que eu tivesse programado que no outro ano iria ganhar mais, ou pensar em parar quando eu gahar 100, 200, nada disso.

Agora, o frustrante foi que eu não encerrei a carreira porque eu quis. Não foi uma aposentadoria porque eu quis, foi porque eu joguei demais, fiz coisa demais, não tinha todos os recursos que a gente tem hoje com a medicina esportiva, com as facilidades que você tem, antes, durante e depois dos jogos. Todos tem o seu próprio fisioterapeuta, tem um lugar para se recuperar, quem ganhou muito como o Djokovic, compra máquinas de 100 mil dólares, que são as máquinas mais modernas para você se recuperar depois dos jogos, se recuperar. Então, o meu foi na raça e na vontade e todos que jogaram na minha época. Não é que eu fui uma exceção, é que naquela época não existia mesmo, nem uma simples massagem era possível.

Então, minha frustração maior foi essa, de não ter podido continuar jogando. Eu tive essa lesão que acabou com a minha carreira, foi em Wimbledon. Naquela época, a gente respeitava muito mais as tradições, as regras dos torneios, do que agora. Agora você é obrigado a jogar um certo número de torneios com um intervalo de descanso e antes, quando eu me

machuquei, choveu muito, e os jogos ficaram atrasados. Então eu tive que jogar quartas de final e semi-final de simples, dupla e mista em um dia. Foram 122 games seguidos, quem joga tênis sabe o que representa isso. Foram quase 10hrs de jogo direto e ninguém se achava tão grande, ou maior que pudesse dizer que não iria jogar mais no torneio, que iria continuar no dia seguinte, nada. Continuava jogando. Era falta de experiência e de ter alguém do seu lado para dizer; chega que agora já passou do que devia.

Então essa foi a frustração.

(Entrevistadora)- Acho que essa resposta já engloba a próxima questão que é qual o sentimento de não poder retornar às quadras após a lesão e ter que interromper a carreira?

(Maria Esther Bueno)- Pois é, eu fiquei 7 anos viajando pelo mundo inteiro, procurando um jeito de curar essas lesões do braço que eu tive, mas foi praticamente impossível. Mas eu fiz tud que eu podia fazer para voltar, que eu não queria pensar depois, o que eu poderia ter feito e não fiz. Tive que encerrar em uma nota muito triste, não porque eu quis, mas porque não deu mesmo. E aí eu tentei voltar a jogar, mas tinha só 50% da capacidade total de movimentação do braço, dessas coisas todas. Eu voltei, tentei, não fui tão mal assim, cheguei nas quartas de final de Wimbledon, mas pra quem já tinha ganho 9 vezes, quartas de final era um péssimo resultado. Aí foi que eu realmente eu parei com os torneios, mas segui no tênis; participando de exposições, de jogos que não precisassem de horas e horas e todo dia, tinha mais escolhas. Fazer clínicas, demonstrações, continuei treinando no tênis, porque é a coisa que eu mais gosto de fazer até hoje.

(Entrevistadora)- Por que você decidiu continuar trabalhando com tênis?

(Maria Esther Bueno)- É o que eu gosto, o que eu fiz a vida inteira e eu acho super bom poder continuar, me atualizando porque aprender você aprende sempre, não é que vou colocar em prática. Mas você vê as mudanças que existiram durante esse tempo todo, desde a época que eu comecei a jogar até agora. As pessoas sempre me perguntam o que mudam, o que fez, o que aconteceu, então você vai vendo a evolução de um esporte, de uma coisa que você gosta. Não só do esporte, mas do material esportivo, das raquetes, cordas, tênis. Quer dizer, é um mundo totalmente diferente e eu gosto de estar bem, nesse sentido também.

(Entrevistadora)- Em algum momento pensou em não seguir essa carreira?

(Maria Esther Bueno)- Não. Eu sempre quis e continuo. Agora to fazendo parte das transmissões de tênis, aqui no Brasil e fora. Isso é muito bom porque, de uma maneira ou de outra, eu sigo com as mesmas motivações, vendo o pessoal bom jogando, podendo comentar, e passando um pouco da minha história pras pessoas. A televisão é o que tem de melhor né, eu consegui fazer duas Olimpíadas, uma delas é a de Londres, do ano passado, e fiz não só a parte de tênis, mas de todos os outros esportes. Foi uma coisa fantástica, você poder participar dos momentos dos maiores atletas do mundo, nas suas especialidades, entrar em contato com eles. Isso é que me faz continuar nesse trabalho.

(Entrevistadora)- Você sentiu a necessidade de resgatar sua trajetória e oferecê-la como modelo para jovens atletas? Tanto tenistas, ou atletas de qualquer modalidade.

(Maria Esther Bueno)- Então, eu acho que isso é importante porque a história aqui (no Brasil) não tem muita tradição e nem é muito difundida. Então é através da televisão que eu tenho a oportunidade de falar sobre as coisas que passaram, como nessa entrevista aqui com você, porque as pessoas se

interessam em saber como foi a vida, o que fez, o que não fez. E é bom que as pessoas saibam que aqui teve gente que fez muita coisa no começo, há muitos anos, bem no começo. Mais ou menos pavimentando uma estrada para os que vieram agora porque nunca foi sempre assim. Teve que começar de um jeito para ficar como está agora. Eu e o pessoal da minha época fomos os pioneiros de tudo isso, a gente jogava porque gostava, não que os de agora não gostam, mas não é tão valorizado como foi para nós porque realmente é difícil você conseguir. Estamos falando de 50 atrás., então viagem era difícil, as distâncias eram cobertas em muito mais tempo, quer dizer, era muito mais difícil, tudo. E que você valoriza, isso que é importante passar para os jovens. Nada cai do céu, você tem que trabalhar muito.

Bom, eu acho que isso aí já é uma boa ajuda, se a gente conseguir passar essa mensagem vai ser muito bom.

O que você acha Bruna? Está bom assim?

(Entrevistadora)- Nossa, está ótimo! Dá para fazer um trabalho bem legal, relacionando com a parte teórica que eu já estudei.

(Maria Esther Bueno)- Ai você aplica.

(Entrevistadora)- Isso. Muito obrigada Maria Esther.

(Maria Esther Bueno)- Imagina, foi fácilimo.



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, Bruna Bardella de Revoredo Macedo Soares da Faculdade de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo responsável por desenvolver a pesquisa de campo referente ao trabalho de conclusão de curso intitulado "A Arquétipo do herói: uma visão a partir de uma tenista profissional", sob orientação da Prof. Noely Montes a convida a participar deste estudo que tem por objetivo observar a constelação do arquétipo de herói, em diversos momentos, e as fases de separação, iniciação e retorno do herói, partindo de vitórias e derrotas.

Sua participação é voluntária e se dará por meio de uma entrevista com duração de 30 a 40 minutos. Nesta entrevista o participante será questionado sobre sua carreira profissional, as fases em que disputou ou trabalhou com tênis e as suas considerações a respeito da influência do tênis para a sua vida pessoal e para a sociedade. A entrevista será gravada e posteriormente transcrita para fim especial do estudo em apreço. Além disso o participante terá acesso às transcrições e gravações da entrevista e será dado a ele a possibilidade de fazer alterações no documento caso julgue necessário. Nossa preocupação é garantir maior fidedignidade da entrevista, ou seja, queremos garantir que a compreensão do pesquisador seja a mais correta possível a partir da fala do participante entrevistado.

O participante poderá se retirar deste estudo a qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Você não terá nenhuma despesa e também não receberá nenhuma remuneração. Os resultados da pesquisa serão analisados mas sua identidade não será divulgada, sendo guardada em sigilo. Para qualquer outra informação, você poderá entrar em contato com o pesquisador no pelo telefone (11) (996410223) e/ou e-mail (brunabrms7@hotmail.com). Caso tenha dúvida ou se sinta prejudicado(a) poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa da PUC-SP.

